

3

O conceito de *civilização* em Sarmiento – de *Facundo* à utopia republicana de *Argirópolis*

No início da década de 1850, Juan Manuel de Rosas parecia ter consolidado o seu controle sobre a Confederação Argentina. O fim dos conflitos com a França, com a Inglaterra e com a Bolívia levou – como explica o historiador inglês John Lynch¹²⁷ – a uma tranquilidade que permitiu ao regime rosista um abrandamento da repressão, expresso em medidas como a dissolução da Mazorca¹²⁸, a devolução das propriedades confiscadas, e a permissão do retorno dos exilados. A “hegemonia portenha” imposta às outras províncias por Rosas conquistava então o seu auge, configurando o poder em torno de sua figura e silenciando a insistência daquelas na necessidade de uma organização constitucional para o país.

O experimento republicano construído por Rosas trouxe novidades políticas bastante interessantes; afinal, se por um lado defendia com entusiasmo o sistema federal, o fazia mediante um forte centralismo político; se dispunha de meios autoritários e violentos para “fazer a vontade dos povos”, ao mesmo tempo procurou se legitimar através da expansão das práticas eleitorais e de instrumentos como festas patrióticas, trazendo setores da população antes distantes do jogo político. O desmoronamento desse poder só iria ocorrer em 1852 sob o contexto da ofensiva do Império do Brasil, que preocupado com a situação na Banda Oriental, já há algum tempo buscava derrotar Manuel Oribe e levar Rosas a um enfrentamento final. Tal interesse era bastante evidente nos discursos do Ministro das Relações Exteriores à época – Paulino José Soares de Sousa, o Visconde do Uruguai – que justificando a posição do Império perante críticas da Inglaterra ao possível descumprimento do acordo de paz de 1826, afirmava inexistirem

¹²⁷ Cf. LYNCH, John. As Origens da Independência da América Espanhola. In: **História da América Latina**. Da Independência até 1870, vol. III.

¹²⁸ O braço armado da Sociedade Popular Restauradora – órgão repressor do rosismo.

entre o Brasil e a Confederação Argentina questões de que possa nascer uma guerra. As questões que resume a invasão do barão de Jacuhy são com Oribe, que é um simples general, e que não está reconhecido como chefe de um governo regular.¹²⁹

No entanto, o objetivo indireto é logo admitido por Paulino, que afirma

Não temos que declarar a guerra ao general Rosas por negócios com Oribe. Se atacarmos a este não tem applicação o artigo, que somente falla do Brazil e da Confederação Argentina. Se o general Rosas se vier metter com armas na questão, é ele o aggressor [...]¹³⁰

E ainda que

O systema do general Rosas era todo pessoal, que nada fundava, que pela sua morte não deixaria nem successor, nem instituições, deixando comtudo essas populações imbuídas de idéas prejudiciaes á civilização e á liberdade de commercio que a Inglaterra acaba de adoptar, destruindo o que lhes era contrario nas suas leis.¹³¹

Segundo o historiador Ricardo Salvatore, houve uma reação popular em Buenos Aires a favor de Rosas, e não havia entre os seus apoiadores federais a sensação de que a liderança insurgente de Urquiza representava uma ameaça importante ao seu poder. A resposta militar do rosismo perante a *Grande Aliança* – formada pelo Império do Brasil, Montevidéu e Entre Ríos – teria sido “tardia e desorganizada”, e a Batalha de Caseros viria a por fim ao regime rosista, que com alguns breves interregnos, se mantinha desde 1829¹³².

Essa breve reconstituição dos fatos que levaram a queda de Rosas serve para nos elucidar que, no ano de 1850, quando Sarmiento escreve e publica *Argirópolis o la Capital de los Estados Confederados Del Río de la Plata* em Santiago do Chile, não existia nenhuma evidência de que o poder do rosismo estaria perto do seu fim, e os questionamentos vinham em sua maior parte dos exilados políticos no exterior. Considerando esse contexto, uma primeira característica da obra que chama a atenção é a constatação de que o tom combativo, marca dos seus trabalhos anteriores, dá lugar a uma escrita menos passional, explícita na escolha de publicar a obra em forma anônima. Na sua introdução à obra, o escritor argentino Javier Fernández assinala essa escolha

¹²⁹ URUGUAI, Visconde., *Discurso pronunciado na sessão do dia 29 de maio de 1852 no Senado*. In: _____. **Três Discursos**, p. 57.

¹³⁰ *Ibid.*, p. 57.

¹³¹ *Ibid.*, p. 58.

¹³² SALVATORE, Ricardo., *Consolidación del régimen rosista (1835-1852)*, p. 377. In: **Nueva Historia Argentina - Revolución, república, confederación: 1806-1852**. GOLDMAN, Noemí (org.). p. 323 -380.

como uma tentativa de Sarmiento em dar mais eficácia e aceitação ao seu projeto, que dependia de mais imparcialidade do que oferecia a sua imagem naquele momento de grande embate político.

Argirópolis é simultaneamente um diagnóstico e um projeto, através do qual Sarmiento buscou – a partir de uma análise histórica dos “frágeis esboços institucionais” de seu país – propor um “meio de pacificação” capaz de pôr fim aos males de seu presente e de impedir que novas complicações ocorressem, “deixando definitivamente constituídos aqueles países”¹³³. O livro trata de como terminar a guerra, conciliando os interesses entre as regiões envolvidas; de como criar uma Constituição, que fosse capaz de preservar a paz alcançada e lançar as bases para o desenvolvimento das riquezas – todos estes fins que dependeriam do equilíbrio entre as províncias, e ainda da conservação e aprimoramento de alguns instrumentos legais de autoridade vigentes no regime pré-constitucional. Ao afirmar que “nenhum sentimento de hostilidade abriga estas páginas”, Sarmiento busca claramente convencer os seus leitores de que as suas críticas e proposições estariam baseadas no estudo do “direito escrito”; e será fundamentalmente a partir de tal estudo que ele apresentará o diagnóstico a ser resolvido por uma Constituição, na qual deverão constar pontos específicos e “conformes ao direito federal que serve de base a todos os poderes atuais da Confederação”¹³⁴.

É clara, portanto, a preocupação em legitimar o seu exame e as suas propostas, ligando-os a uma legalidade preexistente, à geografia do país e à idéia de que o seu projeto leva em conta “o interesse de todos os atores” em conflito. A escolha da ilha de Martín Garcia – como a capital da República projetada – é outro aspecto que chama bastante atenção, entre os vários pontos e propostas que compõem a obra. A ilha – que se encontrava ocupada pela França, e às vias de retornar às mãos de Rosas – parece ser proposta por Sarmiento como centro de poder justamente para contrabalançar a desconfiança em relação ao poderio àquela altura exercido por Buenos Aires, um risco à proposta de organizar uma unidade entre as províncias que compunham a Confederação Argentina, e que sonhava incorporar também – como veremos adiante – o Paraguai e o Uruguai.

¹³³ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Argirópolis*. p. 9.

¹³⁴ *Ibid.*, p. 9.

3.1. Uma história do desenvolvimento constitucional argentino

Muitos eminentes estudiosos já escreveram sobre *Argirópolis* como uma obra que não é fruto de um mero improviso de Sarmiento. É precisamente neste sentido, que os capítulos iniciais apresentam um estudo dos pactos firmados até então, desde que o governador de Buenos Aires Manuel Dorrego solicitou a condição de Encarregado das Relações Exteriores da Confederação Argentina em 1827. Assim, Sarmiento tratará de traçar a história do cargo de Encarregado das Relações Exteriores, assumido por Rosas em 1829, afirmando que era ele “el actor más conspicuo de la larga y ruidosa cuestión del Plata”¹³⁵. A pergunta através da qual ele retoricamente introduz a análise que virá adiante será: *de onde surgiu aquele cargo?*

Em um primeiro momento, no período imediatamente posterior à luta de independência, as Províncias Unidas – explica Sarmiento – não eram reconhecidas, e, portanto, as relações exteriores eram ainda insignificantes. Entretanto, após o governo de Bernardino Rivadavia, Buenos Aires já atraía certa atenção de algumas nações européias. Com a sua renúncia e a subsequente dissolução do Congresso em 1827, o resultado foi um estado de acefalia na nação. Para Sarmiento, isto gerou a necessidade de que enquanto se constituísse a república, fosse dado poder a algum dos governos provinciais, para que o seu representante se encarregasse da manutenção das relações exteriores em nome de todas as províncias.

É nesse sentido que Sarmiento cita acordos de Buenos Aires com as províncias de Córdoba, Santa Fé e Entre Ríos. Segundo ele, tais acordos bilaterais ou multilaterais, sempre continham uma aceitação das províncias em ceder poderes à Buenos Aires, para que o governador desta dirigisse os assuntos de guerra e relações exteriores. O cuidado do autor em amparar e legitimar a narrativa da história constitucional de seu país fica explícito na transcrição da nota transmitida ao governo de San Juan por Don Juan de la Cruz Vargas, enviado por Manuel Dorrego para negociar o reconhecimento daquela província à idéia de que Buenos Aires funcionasse provisoriamente como o centro de unidade da

¹³⁵ Ibid., p.13.

República, sendo que o mesmo documento propunha ainda o governador bonaerense – o próprio Dorrego – como representante deste poder central, até que houvesse a reunião de um corpo nacional deliberante.

O compromisso estabelecido por Dorrego seria o de não separar Buenos Aires

un punto de la voluntad y opinión general, nivelando su conducta con la de toda la República, respetando religiosamente lo que se sancionare por mayoría de los pueblos que la integran, y que está pronta a dar todas las pruebas de franqueza y confraternidad que sean necesarias para convencer que en sus consejos no entran ideas interesadas ni mezquinas, y que el bien general, el honor y la dignidad de la República es el punto céntrico, siendo de ello una prueba dada el haberse puesto a la par de todas las provincias, tratándolas de igual a igual, así como el digno jefe que la preside tiene adoptada la misma marcha con respecto a los Excmos. gobiernos de toda la nación [...]¹³⁶

É recorrendo a este tipo de oposição do governo de Buenos Aires, e aos acordos realizados a partir dele, enfatizando o comprometimento de Dorrego em respeitar as soberanias locais, que Sarmiento prepara a base para uma crítica institucional à legitimidade do Encarregado das Relações Exteriores. A aceitação da centralidade de Buenos Aires que derivava da concessão daquele cargo ao seu governador, dependeria da contraparte exigida pelas províncias, ou seja, a condição *sine qua non* da convocação de uma convenção ou congresso geral capaz de reorganizar a nação em torno de uma constituição aceita por elas.

Buscando fortalecer tal argumento, Sarmiento cita artigos sancionados pelo governo de San Juan na mesma data da concessão, que revelam um receio daquele governo em relação a um possível atraso na convocação de um congresso. Recorre ainda a outro documento, de 1836, em que a Sala de Representantes daquela província renovou a concessão de Rosas – então governador de Buenos Aires – mas não sem reproduzir no mesmo documento o *tratado cuadrilátero*¹³⁷, o que para Sarmiento reforçaria o desejo de uma constituição como prerrogativa mínima à legitimidade do acordo.

Nesse sentido, a história constitucional que Sarmiento organiza tem o claro sentido de deslegitimar Rosas. Nessa obra, no entanto, a crítica não será através de um ataque mais incisivo à sua figura ou aos chefes federais caudilhos em geral, a

¹³⁶ Ibid., p. 17.

¹³⁷ Pacto firmado em janeiro de 1822 entre representantes das províncias de Buenos Aires, Santa Fe, Entre Ríos e Corrientes. Através dele, essas quatro províncias buscaram estabelecer a paz e se unir ante a ameaça de invasão luso-brasileira, que percebiam como bastante provável em função dos conflitos relacionados à Banda Oriental.

exemplo do que fora feito em *Facundo*, obra em que o chefe federal aparece como encarnação da barbárie e como personagem central do complexo curso evolutivo da história da civilização argentina – que será analisado posteriormente. O cerne da sua crítica em *Argirópolis* estará na idéia da ilegitimidade do próprio Encargo das Relações Exteriores, cuja perenidade contrariaria o “espírito de dependencia de la convocación del congreso general de las provincias”¹³⁸. Nela está em jogo o uso da história e do direito, no intuito de justificar a impossibilidade da manutenção de Rosas no comando dos rumos da nação incipiente argentina. Criando uma narrativa que organiza a história do direito natural e escrito do Encargo das relações exteriores, Sarmiento acreditava estar simultaneamente definindo as bases legais sobre a qual a civilização deveria ser construída, e deslegitimando o poder concedido a Rosas, em função da total recusa que este manifestaria em relação à convocação de um congresso constituinte: “la palabra congreso parece haber sido abolida de nuestro lenguaje político, y lo que se dio como provisorio y de las circunstancias del momento tomarse por definitivo y normal”¹³⁹.

A sua interpretação é a de que a república argentina estaria atravessando um momento de anomalia, pois a vontade do povo, desde 1827¹⁴⁰, seria a convocação de um congresso – conforme Sarmiento procura provar reproduzindo inúmeros documentos aqui citados anteriormente. Para ele, a inexistência de uma constituição contrariaria a própria condição republicana e representativa da nação, e seria responsável pelo seu atraso em relação à outras repúblicas americanas.

Para exigir a convocação imediata de um congresso constituinte, Sarmiento irá lançar mão ainda de outro tipo de argumentação: tratará da situação de conflito em que se encontrava a Argentina no momento em que ele estava escrevendo, expondo o sítio a Montevideú e as tensas relações com a França e a Inglaterra que derivariam deste quadro. Mesmo considerando que o direito favoreceria a República Argentina, defende a busca de um desenlace capaz de manter a honra, mas que também fizesse com que todas as partes constituintes do

¹³⁸SARMIENTO, Domingo Faustino., op. cit., p. 20.

¹³⁹Ibid., p. 22.

¹⁴⁰Ano em que governo de Buenos Aires anunciou a disposição em convocar um congresso constituinte.

Estado gozassem das mesmas vantagens. Afinal, mesmo com toda a força que tentava demonstrar, a Argentina ainda não teria logrado êxito em ocupar “una ciudad despoblada, consumida por las disensiones y las miserias”¹⁴¹. Após oito anos de lutas – conclui Sarmiento – tudo o que a república havia conseguido era estar com os exércitos fora de suas fronteiras e que a França estivesse em poder da ilha de Martín García – considerada por ele como “la llave del país”.

Sarmiento ressalta que “No es sólo una cuestión de la Confederación Argentina la que se debate, sino la de las Antiguas Provincias Unidas del Río de la Plata, y a más, otra con la Francia, que ha hecho nacer la ingerencia que sus nacionales emigrados a América han tomado en los asuntos de Montevideo”¹⁴². Assim, realiza o esboço desse quadro conflituoso, sob o intuito de apontar a dependência do Uruguai e do Paraguai em relação à Confederação Argentina. O primeiro, para além do problema da guerra, sofreria com a competição comercial travada já por anos com Buenos Aires, através da qual, afirma Sarmiento, “trabajarán por arruinarse recíprocamente”¹⁴³. O Paraguai, por sua vez, “tuvo para declararse Independiente que sacrificar su comercio, su civilización, y entregarse a un tirano sombrío”¹⁴⁴, e sob o comando de Francia teria sido dominado por um ódio anti-argentino, que em nada teria contribuído para promover a independência de fato. Afinal o Paraguai dependeria dos rios da Confederação Argentina para ter a possibilidade de desfrutar do comércio com a Europa, tanto quanto o Uruguai dependeria do Estado que controlava a ilha de Martín García.

Dado esta conjuntura de dependência – explicada pelo prisma geográfico – Sarmiento volta ao argumento da necessidade de que se evitasse que o encarregado das relações exteriores agisse pelo seu interesse ou de sua província apenas. Entretanto, além de defender os interesses das outras províncias da Confederação, aqui também os interesses do Uruguai e do Paraguai são considerados fundamentais, o que é justificado tanto pela justiça pura e simplesmente, quanto pelo “estado actual de la lucha”. Isto porque em dez anos – argumenta Sarmiento – a Confederação não teria conseguido resolver o conflito

¹⁴¹Ibid., p. 24.

¹⁴²Ibid., p.26.

¹⁴³Ibid., p. 28.

¹⁴⁴Ibid., p. 28.

em Montevideu; o Paraguai permaneceria, “como em 1812, sin situación política”¹⁴⁵; e a ilha de Martín García seguia nas mãos da França.

3.2. Um novo tipo de crítica a Rosas

Com esse tipo de argumentação, Sarmiento busca criticar a conduta da República Argentina por sua dependência exagerada do encarregado das relações exteriores. A “prudência” e o “interesse nacional” estariam sendo deixados de lado em favor de decisões de “carácter personal”¹⁴⁶. Na construção de uma crítica de tom conciliatório, o seu foco estará na necessidade de se controlar institucionalmente o responsável pelas relações exteriores – que naquela conjuntura também comandava, desde Buenos Aires, as relações entre as províncias da Confederação. A sua argumentação inicial ecoa aqui, pois Sarmiento acreditava que seria a partir da elaboração de uma constituição – mesmo com a manutenção das relações exteriores sob o governo de Buenos Aires – que estariam assegurados poderes às províncias para que estas fossem capazes de delimitar responsabilidades e de regular as ações do encarregado, direcionando-as para que convergissem com os interesses da nação.

Essa mudança para um tipo de crítica mais institucional certamente tem relação com um movimento comum aos intelectuais da *Geração de 1837*, em direção à negação do que o historiador Elías Palti trata como “nacionalismo genealógico”. Os acontecimentos daquela época, à maneira como estavam sendo experimentados por homens como Sarmiento, colocavam em xeque a possibilidade da valorização de uma história e tradição local; pois se no início do rosismo ainda havia uma confiança total nas leis do progresso universal e na sua irresistibilidade – evidente na idéia daquela geração de que Rosas poderia funcionar como agente involuntário da razão – após a afirmação e fortalecimento do regime tal crença sofreu alterações importantes. A história local – afirma Palti – “se les aparecería entonces como empeñada en contradecir las más elementales exigencias de la razón y obstinada en burlar las leyes universales que guían su

¹⁴⁵Ibid., p 30..

¹⁴⁶Ibid., p. 25.

transcurso”¹⁴⁷. Narrar o passado argentino, a partir de um conceito genealógico, já não seria mais possível. Afinal, aos olhos da geração romântica, aquela história teria levado ao domínio despótico de um representante da barbárie.

A primeira hipótese que proponho é de que será a partir do agravamento dessa tensão – derivada simultaneamente da necessidade e impossibilidade de dar expressão a um curso histórico que não parecia seguir nenhuma ordem racional ou lei universal de progresso – que Sarmiento irá construir a crítica ao rosismo em *Argirópolis*. Tratará de conferir menos importância à idéia de Rosas como personagem que expressaria a barbárie de certa forma intrínseca à Argentina, em favor da elaboração de um diagnóstico centrado no questionamento da legitimidade do cargo que ele ocupava. A tradição valorizada aqui será a ordem institucional, que mesmo assim é caracterizada como “frágil”, enquanto o que pudesse remeter a um espírito ou cultura local é suprimido por estar fora dos trilhos da civilização.

É preciso considerar, no entanto, que o processo de ruptura da *Geração de 1837* com este modelo genético, centrado numa perspectiva evolutiva e de continuidade com o passado, não se realizou “de un tajo”, com a sua substituição quase que automática por um “voluntarismo legislativo”, conforme escreve Natalio Botana sobre Alberdi. Pelo seu argumento, Alberdi teria feito uma opção entre uma ciência política observadora dos costumes – que buscava revelar a trama velada sob a superfície da sociedade – e outra de cunho racionalista – preocupada em “recrear un mundo a partir de la voluntad legislativa”. Entre essas duas alternativas, Alberdi teria se “convencido de que había que instalar el orden político sobre las costumbres y descubrió en ellas el germen de la esclavitud”; e mais ainda, essa escolha por se tornar “un inventor de costumbres” é tratada por Botana como uma solução óbvia, “pues el camino estaba trazado”¹⁴⁸. A ligação atemporal e a-histórica entre o voluntarismo característico do iluminismo, de um lado, e o historicismo romântico, de outro, restringiriam o trabalho do historiador a analisar as oscilações do pensamento entre esses dois modelos, em cada contexto ou momento particular.

¹⁴⁷ Cf. PALTÍ, Elías., op. cit.

¹⁴⁸ BOTANA, Natalio., *La tradición republicana*, p. 300.

Esse tipo de história que remete àquela “história das idéias desencarnadas”, assim caracterizado e criticado por Quentin Skinner¹⁴⁹ justamente por considerar as idéias constituintes do pensamento como entidades que flutuam no ar e “fora do tempo”, não parece suficiente para compreender as profundas mudanças conceptuais que se dão na maneira da geração romântica argentina pensar a sua nação e a civilização.

É nesse sentido que a análise de Elías Palti é extremamente útil, pois trata o momento do recrudescimento do regime rosista como coincidente com o epicentro da crise daquele modelo genético. A influência do romantismo havia estimulado a busca de forças imanentes – e não mais apenas causas eternas transcendentais – que constituiriam uma nação. Junto a este aspecto, a luta entre civilização e barbárie como esquema interpretativo essencial constituía o núcleo deste “nacionalismo genético”, e a partir dele derivavam oposições que em função das alterações na própria realidade histórica, foram se tornando menos rígidas na medida em que essa crise se aprofundava – apesar da própria historiografia tradicional ter insistido nelas por muitos anos – como razão/emoção; cidade/campanha; litoral/interior; unitário/federal. O que daria sentido a todos esses pares em oposição seria a noção romântica de *nação*, sendo que a síntese desses elementos, que constituiriam a genealogia da insurgente nação argentina, teria que ser realizada a partir do pólo dito *civilizado* do esquema interpretativo antinômico.

O paradoxo, que perpassa todo o *Facundo* de Sarmiento, é justamente que na Região do Prata, o pólo da barbárie teria funcionado como princípio ativo. Nessa obra, Facundo Quiroga aparece como um caudilho – colocado à margem do desenvolvimento histórico – que, no entanto, é protagonista, ainda que o seu papel seja desempenhado desde a barbárie. Apesar de narrar a trajetória do chefe federal desde a sua infância, Sarmiento enfatiza o momento em que ele se torna comandante de campanha em La Rioja, afirmando: “Desde este momento, principia la vida pública de Facundo”¹⁵⁰. Utiliza-se ainda de uma comparação com Artigas, pois como este o fora em Montevideú, Quiroga seria “El elemento

¹⁴⁹ Cf. SKINNER, Quentin. *Significado y Comprensión en La Historia de Las Ideas*. In: _____. **Lenguaje, política e historia**. p. 109 -164.

¹⁵⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo*. 2. ed. Barcelona: Biblioteca Ayacucho, 1985. p. 93.

pastoril, bárbaro de aquella provincia [La Rioja], aquella tercera entidad”¹⁵¹, funcionando como a expressão de um antagonismo entre as cidades e os caudilhos. Para Sarmiento, é essa idéia do surgimento de uma “terceira entidade” que explica como os comandantes de campanha – heróis da revolução de 1810 – se elevam a caudilhos em suas províncias, e através do desenrolar natural de um processo mecânico mais amplo, a nível nacional, Quiroga se ergue como líder dos primeiros esforços de unificação do país.

No capítulo *Sociabilidade: Córdoba, Buenos Aires*, Sarmiento busca expor como esse antagonismo, interno às cidades, passa a ser reproduzido em escala nacional. Córdoba – considerada por Sarmiento como ainda presa ao passado colonial – ao se rebelar contra Buenos Aires – litorânea e já em contato com as idéias civilizatórias européias – teria iniciado esta nacionalização do antagonismo entre civilização e a barbárie expressa nos poderes dos caudilhos em suas províncias. A continuidade desse processo seria a expansão dos poderes de um desses caudilhos, de restrito à sua província, para todo o país, o que resultaria no surgimento de um em líder nacional.

Seria Quiroga esse líder? No capítulo *Ensaio: Ações de Tala e de Rincón*, Sarmiento narra a ação do caudilho em Tucumán em 1825 – momento em que Buenos Aires buscava a reunião de todas as províncias em um Congresso. Sob a insistência de Rivadavia, Facundo invade a província para depor o coronel Lamadrid, mal visto por Buenos Aires e por outras províncias, depois de ter se aproveitado da conjuntura da guerra com o Brasil para subir ao governo, sem o consentimento da capital. “He aquí la famosa acción del Tala, primer ensayo de Quiroga, fuera de los términos de la provincia”¹⁵². A partir de suas primeiras expedições, o caudilho teria conseguido não só se constituir como mais importante que o próprio governo legítimo de La Rioja, como também dar os primeiros passos na direção de uma unificação.

Nesse impulso, antes de uma identificação federal, que implicaria em ódio aos unitários, haveria uma espécie de força interior quase automática – comum aos caudilhos poderosos das províncias – que impulsionaria Quiroga contra as cidades:

¹⁵¹ Ibidem.

¹⁵² Ibid., p. 120.

Se sentía fuerte y con voluntad de obrar; impulsábalo a ello un instinto ciego, indefinido, y obedecía a él; era el comandante de campaña, *gaucho malo*, enemigo de la justicia civil, del orden civil, del hombre educado, del sabio, del frac, de la *ciudad*, em una palabra. La destrucción de todo estol e estaba encomendada de lo Alto, y no podía abandonar su misión.¹⁵³

Entretanto, Facundo não teria sido capaz de completar a fusão entre os dois mundos – a cidade civilizada e as províncias bárbaras – e de assim se erguer como o líder nacional que se imporia ao país. Sarmiento aponta para isto ao concluir a sua narração das primeiras investidas do caudilho para fora de sua província:

Estos son los acontecimientos principales, que ocurren durante los primeros ensayos de fusión de la República, que hace Facundo; porque éste es un simple ensayo; todavía no há llegado el momento de la alianza de todas las fuerzas pastoras, para que salga de la lucha, la nueva organización de la República. Rosas es ya grande en la campaña de Buenos Aires, pero aún no tiene nombre ni títulos; trabaja, empero, la agita, la subleva.¹⁵⁴

Fica evidente em *Facundo* a crença de Sarmiento numa marcha que empurrava aquele caudilho em direção ao seu trágico fim em Barranca-Yaco. A Providência teria o levado irresistivelmente a morte. Somente então surge o personagem que deverá ser a síntese entre campo e cidade. Com ele nasce o que pode se considerar uma “ordem bárbara”, ou seja, um oximoro que expressa um tipo de ordem diferente da idealizada pelo dito pólo da civilização. Essa é a vingança das províncias contra Buenos Aires na qual insiste Sarmiento. Não se trata de pensar a barbárie apenas como um hiato da própria marcha da história – conforme Halperin Donghi¹⁵⁵, por exemplo, estabelece – mas sim que, paradoxalmente, a barbárie toma o lugar da civilização como elemento ativo da sua condução. É compreensível a dificuldade que teve não só Sarmiento, como todo o “mundo europeu civilizado”, para interpretar toda essa conjuntura de ascensão de Rosas ao poder, afinal o que ocorria comprometia as esquematizações formais da história e da política conforme elaboradas até então. Nesse mesmo sentido, a própria história das idéias teria dificuldade para interpretar o que Elías Palti denomina “monstruo lingüístico”, o que ajuda a explicar a formulação

¹⁵³ Ibid., p. 125.

¹⁵⁴ Ibid., p. 129.

¹⁵⁵ Cf. HALPERIN, DONGHI, Tulio. *Una nación para el desierto argentino*.

recorrente de esquematizações rígidas, como os pares de oposição duais dos quais tratamos na introdução.

Na versão original em folhetim – nos lembra Palti – com esse domínio do mundo histórico pelo “tercer elemento” que Rosas expressava, Sarmiento terminava a sua narrativa. No entanto, uma terceira parte seria acrescentada à obra, com o intuito de mostrar como a civilização renasceria mesmo após ser dominada. Sarmiento tenta mostrar que Rosas teria funcionado como um agente involuntário da Providência, pois teria destruído não só as cidades, mas também afetado as campanhas e os gaúchos, gerando uma frente anti-rosista – o que na verdade se mostrava como um anacronismo, pois a própria narrativa dos capítulos anteriores não verificava tal tendência. Mas a despeito desse caráter claramente anacrônico, a explicação de Sarmiento sobre como se daria o fim da barbárie e a volta triunfante da civilização, seguiria um esquema em que “Rosas dejaría de representar fuerzas sociales, elementos reales e inmanentes a nuestra sociabilidad, como lo exige el credo historicista romántico, pero de este modo también dejarían de hacerlo sus oponentes”¹⁵⁶ – afirma Palti, concluído que a luta perdia assim todo o sentido histórico, e isto marcaria a diferença dessa terceira parte em relação ao restante da narrativa de *Facundo*.

É fundamental o questionamento sobre o porquê dessa alteração na narrativa que vai desde o surgimento de Quiroga e Rosas como personagens históricos e protagonistas políticos, até a futura redenção da civilização. Uma chave possível para entendê-la é pensar na idéia defendida por Sarmiento, de que duas forças unificadoras concorreriam ao domínio da República. Essas forças teriam como expressão Facundo Quiroga – fruto do poder que emanava da campanha e dos caudilhos – e o general Paz – representando Buenos Aires e os liberais do interior. Ainda que deixe algum espaço para a ação e para o acaso nos fatos históricos que narra, Sarmiento reforça em várias passagens o poder daquelas duas tendências unificadoras, e é nesse sentido que busca explicar a vitória de Rosas sobre Paz. Rosas poderia ter sido derrotado em várias situações anteriores, porém no embate final com Paz, o caudilho teria tido a vantagem de ser uma síntese mais bem acabada entre os diferentes elementos que formavam as

¹⁵⁶ PALTI, Elías., op. cit., p. 65.

tais duas tendências unificadoras. Por este raciocínio, o sucesso do rosismo é explicado pela maior capacidade de Rosas em funcionar como promotor da fusão entre o mundo da campanha e o das cidades. É certo – Sarmiento considera – que o general Paz carregava consigo elementos desses dois mundos; porém, dentro de uma espécie de linha evolutiva daquela fusão fundamental para a civilização, seria Rosas a sua síntese mais bem acabada.

Há, portanto certa irresistibilidade na ascensão de Rosas ao poder, apesar da aparente contradição que aparece quando Sarmiento afirma confiar na vitória de Paz. Palti acredita que é nesta constante indefinição, entre estar escrevendo uma história da civilização ou da barbárie, que jaz o desequilíbrio fundamental na estrutura e desenho da obra.

Tomemos emprestada a formulação feita pelo filósofo Oscar Terán sobre o espírito do historicismo romântico: “un grande hombre encarna una época, de manera que, comprendiendo su vida y escribiendo su biografía, se entiende una época y se responde en definitiva al enigma argentino”¹⁵⁷. O problema está exatamente no fato de que o grande homem do livro da civilização é Facundo Quiroga, um “bárbaro”; enquanto os retratos dos heróis da civilização, encabeçados pelo general José María Paz, careciam de consistência literária e da complexidade com a qual os personagens da barbárie eram descritos.

Em função da ausência de um herói da civilização à altura de Quiroga, Terán afirma não existir dialética na obra. Essa dialética – ele diz – só apareceria em *Recuerdos de provincia (1850)*, quando o próprio Sarmiento se auto-proclama síntese dos elementos coloniais com os valores da revolução de independência. Entretanto, a maneira como Sarmiento narra as disputas entre Paz, Quiroga e Rosas, com a vitória deste último, revelam uma dialética presente – ainda que velada – que é interna a esses personagens, eles mesmos sínteses mais ou menos elaboradas dos valores da civilização e da barbárie. Rosas surge como resultado da marcha do progresso; a versão aperfeiçoada de Quiroga – que não fora capaz de derrotar Paz. Mas em que sentido Quiroga teria sido menos capaz de promover a fusão entre os dois mundos que Rosas?

¹⁵⁷ TERÁN, Oscar., op. cit., p. 75.

Oscar Terán afirma que o caudilho riojano é descrito como um indivíduo possuído “por el puro instinto, la pura pasión, rasgos notoriamente positivos para el formato romántico, aun cuando al ser acentuados conducen a la bestialización de su figura”¹⁵⁸. A “falta de cálculo racional” marcaria o seu comportamento instintivo e seria esta a principal diferença entre os dois heróis da barbárie. Logo nas primeiras páginas de *Facundo*, Sarmiento já explicita tal diferenciação:

Facundo, provinciano, bárbaro, valiente, audaz, fue reemplazado por Rosas, hijo de la culta Buenos Aires, sin serlo él; por Rosas, falso, corazón helado, espíritu calculador, que hace el mal sin pasión; y organiza lentamente el despotismo con toda la inteligencia de un Maquiavelo¹⁵⁹.

Como analisa Terán, há claramente uma valoração inferior de Rosas frente à Quiroga. Entretanto, é fundamental que nos perguntemos sobre o referencial desta primeira valoração. Isto porque pensando em relação ao apreço de Sarmiento por alguns elementos relacionados ao romantismo, é de fato correto considerar Rosas como elemento mais negativo. Afinal, ele é construído como figura calculista e cuja racionalidade exacerbada bloqueia a inocência tão cara ao romantismo e aos seus discursos, que valorizam, por exemplo, a infância e o indígena como representações de valores importantes como originalidade e autenticidade. Mesmo o seu “real” pertencimento a Buenos Aires é questionado. Portanto, se seguimos a “alma romântica” de Sarmiento, somos levados a interpretar que seria próprio de Rosas um racionalismo nocivo ao conjunto de valores que a caracteriza.

Por outro lado, seria justamente essa característica que teria feito dele superior. Considerando que *Facundo* é uma obra orientada em defesa da civilização e da modernidade, a lógica de ação social racional – ausente no comportamento sem direção definida de Quiroga – tem lugar fundamental, e pode ser encontrada facilmente no calculismo falso e perverso com o qual Sarmiento constrói Rosas. Este último aparece como herdeiro e complemento de Quiroga; “su alma há pasado a este outro molde, más acabado, más perfecto; y lo que en él

¹⁵⁸ Ibid., p. 78.

¹⁵⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino., op. cit., p. 9.

era sólo instinto, iniciación, tendencia, convirtiéndose em Rosas en sistema, efecto y fin”¹⁶⁰.

Então, sob a ótica do caminho iluminista rumo ao progresso, Rosas aparece como personagem bem sucedido, cumpridor do seu papel conforme desenhado pela Providência, ou seja, de responsável pela fusão entre o mundo do campo e o das cidades, que tem como resultado a unificação do país. Nessa etapa, imprescindível à civilização no discurso de Sarmiento, Rosas opera como o protagonista que *Facundo* – forma romântica sem fins definidos – não pôde ser. Ainda que possa ser problematizado – conforme já exposto no primeiro capítulo – tem certa precisão o raciocínio do filósofo Coriolano Alberini, para quem em boa parte dos textos da *Geração de 1837*

lo que impera es un romanticismo de medios y un iluminismo de fines. Romanticismo para entender la realidad con todas sus particularidades locales, pero iluminismo para articular de la manera más eficaz los procedimientos destinados a obtener los objetivos y valores de la Ilustración¹⁶¹.

O que ocorre no caso específico de *Facundo*, é que a civilização como fim iluminista, teve paradoxalmente Rosas como um protagonista. A unificação, etapa importante da civilização, estaria sendo promovida – ainda que sob a égide da barbárie e do seu líder. Terán lembra que o próprio Sarmiento classifica Rosas como um “híbrido”, no sentido em que reúne elementos que a princípio seriam incompatíveis. Mas seria exatamente a partir dessa mescla de elementos heterogêneos – constante em todos esses personagens – que Rosas teria erguido o seu poder hegemônico; afinal a Região do Prata seria constituída por elementos igualmente híbridos. A expressão “ordem bárbara” – que Sarmiento poderia perfeitamente ter se utilizado¹⁶² – traz, na sua própria estrutura de oximoron, o hibridismo que caracteriza Rosas – personagem que é ao mesmo tempo produto e artífice da barbárie gaúcha e do racionalismo civilizatório europeu.

O desequilíbrio entre a parte final da obra e o seu corpo pode ser compreendido a partir dessas aparentes contradições do discurso que analisamos. A violação do que Sarmiento deveria considerar a normalidade do curso histórico – conforme busquei expor aqui – é o que impede que ele trace uma linha

¹⁶⁰ Ibid., p. 8.

¹⁶¹ TERÁN, Oscar., op. cit., p. 80.

¹⁶² Afinal chega a chamar Rosas por outro oximoron, “el legislador de la civilización tártara”.

homogênea entre o surgimento de Rosas, o fortalecimento do rosismo e o que causaria a sua queda. E mais, é também o que impede que essa linha seja paralela à evolução da própria marcha da civilização, afinal os personagens do polo civilizador aparecem quase sem vida na obra.

Segue-se que Rosas não pode ser interpretado em harmonia com o progresso exatamente porque o conceito de civilização, do Sarmiento que escreveu *Facundo*, estava fortemente acoplado ao modelo genético de se pensar a nação. Assim, considerar que ele aparece na obra como um mero desvio na história argentina é uma simplificação perigosa, pois como Palti argumenta, “él no era simplemente algo extraño a su curso, colocado al margen de la civilización, un vulgar caudillo, como tantos otros, sino uno que – algo inaudito – lograría penetrar el mundo histórico y trastocar su lógica desde adentro”¹⁶³. Sacá-lo dessa história parece ter sido a única forma que Sarmiento encontrou para dar forma a uma explicação de como se daria o fim do rosismo.

A questão colocada inicialmente – sobre a prevalência de uma crítica distinta em *Argirópolis* – exige uma resposta complexa porque implica na necessidade de repensar toda a generalização normalmente feita em torno do que a figura de Rosas representa em *Facundo*. A “ordem bárbara” não aparece nesse texto como uma construção alheia ao que indicaria a Providência. A crença de Sarmiento no papel dessa última gera um fatalismo – cujo poder buscamos aqui expor – que seria incompatível com uma interpretação do rosismo, como um desvio tão abrupto na linha da história pelas mãos de apenas um homem, ainda que seja este um herói. Assim, a impressão inicial, causada pelo tom institucional e pelo pouco enfoque à figura de Rosas – de que em *Argirópolis* haveria um reconhecimento maior de Rosas e do rosismo como elementos importantes da história argentina e do caminho civilizatório – é desfeita pela conclusão de que já no *Facundo* tais idéias estavam de alguma forma presentes. Afinal, Rosas já aparecia nessa obra como um híbrido do qual a Argentina, e o seu território dominado pelo hibridismo, parecia precisar.

¹⁶³ PALTI, Elías., op. cit., p. 69.

O que há de diferente na natureza da crítica de *Argirópolis* é que ela não mais se concentra nas causas determinantes da barbárie e do surgimento de Rosas como o seu “herói”, mas na legitimidade do cargo que ele ocupava. Esta nova crítica, de tom institucional e conciliatório, certamente guarda relações diretas com a crise do modelo genético de nação e o aspecto circular que marcava o conceito de história em *Facundo*; modelo pelo qual – conforme vimos – Sarmiento não dava conta de explicar numa mesma linha de progresso a ascensão e a queda de Rosas. A impossibilidade de um progresso constante seria a explicação do predomínio da barbárie; mas a questão que certamente atormentava Sarmiento (a ponto de fazê-lo forjar nos últimos capítulos uma explicação incoerente com o próprio modelo determinista sustentado na maior parte do *Facundo*) seria como explicar racionalmente o processo que poria fim ao rosismo, e encaminharia o país para a civilização. A solução encontrada por Sarmiento só ganharia corpo a partir do momento em que a própria natureza e importância dessa questão perdiam força.

Ao invés do foco em desvendar o enigma argentino, Sarmiento passaria progressivamente, ao longo de suas obras posteriores, a adotar uma preocupação maior com os meios através dos quais poderia levar a civilização ao seu país. Elías Palti vê a sua obra *Viajes (1846)* como marco essencial para a série de redefinições em seu marco conceptual. Nela, Sarmiento ressignificaria o seu conceito de história, incorporando cada vez mais em seu campo semântico noções de linearidade e progresso constante. Tais redefinições, por sua vez, abriram espaço para a subjetivação da realidade histórica, fazendo com que o determinismo do território e de uma realidade histórica sobre os homens desse lugar a uma postura ativa de grandes homens capazes de dar curso a novos processos. Nesse sentido, *Viajes* representaria o núcleo de um movimento progressivo de Sarmiento na superação do domínio do determinismo e do providencialismo em seu pensamento.

Em *Argirópolis*, Sarmiento alerta para o risco de que o encarregado provisório apresentasse obstáculos à cessação do poder que ele exercia “pues aunque provisorio, es tan extenso e ilimitado, como no sería si fuese duradero y

regular”¹⁶⁴. Tal postura – insiste – iria totalmente contra aos propósitos do coronel Dorrego ao solicitar o encargo provisório, e significaria a continuidade da usurpação do poder. A denúncia dessa ilegitimidade – conforme já analisamos – é o que está no cerne da sua crítica em *Argirópolis* e a partir dela, é construído um diagnóstico que aponta para a debilidade institucional da Confederação Argentina.

Nesta denúncia, a expressão “desejos desordenados”, mal do qual sofreriam a confederação e as repúblicas vizinhas do Uruguai e Paraguai, deve ser ressaltada porque traz consigo uma dupla problemática: indica a crença de Sarmiento de que a Argentina já se inseria em algum lugar, de um caminho comum às outras nações rumo à civilização – cuja ordem e normalidade estariam comprometidas; como também aponta para a necessidade da ordenação deste caminho, através da institucionalização das relações internas e externas da confederação, no sentido de trazer a pronta pacificação do Rio da Prata e a organização definitiva da Confederação.

Por último, é interessante notar que poucas vezes no texto de *Argirópolis* o seu autor se refere a Rosas pelo seu nome. Sarmiento utiliza preferencialmente “Governador da província de Buenos Aires” ou “encarregado pelas/das relações exteriores da Confederação”, com esta última forma aparecendo muitas das vezes acompanhada do adjetivo “provisório” – um truque retórico implícito. A natureza do cargo, que para ele não deveria mais existir, é o que o seu discurso combate.

Essa alteração no objeto da crítica e a própria metodologia adotada em *Argirópolis* acabam representando no discurso de Sarmiento o reconhecimento de alguma legitimidade do governo Rosas, afinal o seu diagnóstico e o projeto que elabora a partir dele em muito se apoiarão em acordos, convenções e leis realizadas durante o rosismo. Halperin Donghi já escreveu sobre a valorização por Sarmiento de uma “red de intereses consolidados por la moderada prosperidad alcanzada gracias a la dura paz que Rosas impuso al país”¹⁶⁵. *Argirópolis* parece corroborar tal raciocínio, pois valoriza e quer expandir a paz interna e externa; e nesta obra Rosas – utilizando expressões da autoria do próprio Donghi – aparece já não mais como o “monstro demoníaco” do discurso de Sarmiento em anos

¹⁶⁴ SARMIENTO, Domingo Faustino., *Argirópolis*,. *op.cit.*, p.36.

¹⁶⁵ HALPERIN DONGHI, Tulio., *Una nación para el desierto argentino*., *op. cit.*, p. 45.

anteriores, mas sim com uma “sobrevivência” a ser superada pela via da institucionalização.

O discurso em defesa da urgência de uma constituição e o fulgor institucionalista que perpassam toda a narrativa de *Argirópolis* são em larga medida tributárias àquelas redefinições que se iniciam em *Viajes*. É a partir dessa tensão que marca a crise do modelo genético de nacionalidade – “que emanaba de la simultánea necesidad e imposibilidad de dar expresión a un curso histórico que no parecería ceñirse a ningún orden racional, que desafiaría las leyes que presiden el desarrollo de las sociedades”¹⁶⁶ – e de toda a ressignificação semântica no seu discurso, nos anos seguintes à publicação de *Facundo*, que ele irá construir a crítica ao rosismo em *Argirópolis*. Assim, muito mais que buscar – como na primeira obra – a explicação “genética” da barbárie e de seus artífices e tentar resolver “o enigma” do rosismo como única forma de vislumbrar a sua destruição, Sarmiento se preocupará – naquela segunda – com a ação – ou seja – em propor meios que trouxessem em definitivo a possibilidade de se construir uma civilização argentina. Analisaremos adiante essas torções conceituais que ocorreram no seu discurso e que são fundamentais não só para esclarecer essa mudança na maneira de perceber Rosas e o rosismo, como também para compreender o processo através do qual o seu conceito de civilização passa a carregar significados que apontam para possibilidade de elevar o território híbrido argentino ao status de *nação civilizada*.

3.3. Divina Providencia, progreso e os deseos desordenados

Para dar conta de reconstruir a história dessa transformação no discurso de Sarmiento, é fundamental analisar como funciona a noção de Providência em *Facundo* e o que se altera até chegar a *Argirópolis*. Apesar do risco de excesso de rigidez – intrínseco a esse tipo de formulação – é útil ao que se discute aqui, classificar a visão de Sarmiento na primeira obra como dependente de um forte determinismo natural, enquanto na segunda se eleva drasticamente a importância da ação racional. Dentre as redefinições que *Viajes* marca, a expansão do espaço

¹⁶⁶ PALTÍ. Elías., op. cit., p. 28.

para a ação do sujeito, no sentido da construção de um horizonte ideal, passando pela superação da condição híbrida daquele território e dos indivíduos que o habitam, é um aspecto fundamental para entendermos a nova dimensão do conceito de civilização e de todos os outros relacionados a ele.

A crise do conceito genético de nação não supõe, por certo, nem um desprezo total desta perspectiva, nem um retorno ao ideal iluminista da nação como um resultado da vontade e ação dos homens. Consideramos aqui, que desde a narrativa de *Viajes*, Sarmiento realiza – no que pode ser considerado um movimento de originalidade – um deslocamento da matriz genética do meio físico para o homem. A subjetivação do mundo histórico abre espaço para que a ação intencional fosse identificada uma força determinante para o progresso. Será assim que o mundo híbrido, onde até então a barbárie estaria vencendo, passará paulatinamente a ser tratado no discurso de Sarmiento como passível de ser modificado pela ação racional humana.

Já vimos brevemente – no primeiro capítulo – que a Providência se manteve como força atuante no conceito moderno de história, e buscamos compreender como isso aparece relacionado ao discurso de Alberdi. O mecanismo da “astúcia da razão”, proposto por Hegel e tratado por Löwith como “uma expressão racional para a providência divina”¹⁶⁷ é um exemplo importante para percebermos a impossibilidade em se descolar totalmente o que se convencionou conceituar “filosofia da história”, das concepções “providencialistas” da história.

Uma visão simplificadora desse processo pode estabelecer uma simples ruptura, a partir do Renascimento ou do Iluminismo, que teria criado uma concepção de história livre do elemento providencial; ou seja, exatamente o contrário do que se procura mostrar aqui, já que estamos considerando que o discurso de Sarmiento apresenta esse tipo tensão entre um providencialismo baseado na fé e um conceito de progresso centrado na razão e na perfectibilidade. A hipótese aqui, é que a presença da Providência enfraquece, na mesma proporção em que o espaço para a ação se amplia no seu discurso, e isso pode ser percebido ao longo dos anos que separam *Facundo* de *Argirópolis*.

¹⁶⁷ Cf. LÖWITH, Karl. *O Sentido da história*.

A ata original de reunião do *Salón Literario* – que Sarmiento recupera no *Facundo* – explicita a crença da *Geração de 1837* “En el progreso de la humanidad” e a sua “fe en el porvenir”¹⁶⁸. O documento se relaciona com o momento característico do na história do conceito de *progreso*, do qual tratamos anteriormente. Corroborando o que se discute até aqui sobre o processo de racionalização da Providência, as reflexões de Reinhart Koselleck são extremamente úteis para dar conta da tarefa de investigar as continuidades e descontinuidades, entre uma concepção de tempo baseada na Providência e outra – característica da modernidade – observada pela dinâmica constante entre experiência e expectativa.

Ao tratar especificamente dos conceitos *progreso* e *declínio*, Koselleck desenvolve a tese de que aquele primeiro conceito se torna moderno exatamente quando o seu significado passa a prescindir de contextos naturais e espaciais para ser compreendido. Em outras palavras, o seu raciocínio tem relação com o de Löwith, se consideramos que para ele, categorias relacionadas à ascensão, durante toda a Antiguidade Clássica, se limitam a “conceitos de sucessão”, e no máximo, “conceitos de oposição”, verificados, por exemplo, na descrição cíclica, e presa a “metáforas biológicas”, de formas de governo. Agora, se Löwith reforça a dependência mantida pelas concepções modernas de tempo histórico com relação à concepção cristã, Koselleck marca que esta última, ainda que de fato abra um novo horizonte de futuro – inegavelmente fundamental à filosofia da história – o restringe a realização de um Reino de Deus que se realizaria apenas após o fim da história. Logo, no tempo histórico do “mundo”, nada de fundamentalmente novo poderia ocorrer; os “dois mundos”, o de Deus e o secular, estariam antes de qualquer coisa separados, e é assim que entendemos a formulação de Koselleck sobre esses dois tempos “assimétricos”: “Spiritual progress and the decline of the world were to this extent correlational concepts that obstructed the interpretation of the earthly future in progressive terms”¹⁶⁹.

Até o início dos tempos modernos o termo “profecia”, ligado à esfera religiosa, foi substituído pelo termo mundano “progresso”. O crescente domínio do mundo natural pelo homem, relacionado ao uso autônomo da razão, lançou

¹⁶⁸ SARMIENTO, Domingo Faustino., *Facundo*., op. cit., p. 228.

¹⁶⁹ KOSELLECK, Reinhart. *The Practice of Conceptual History*, p. 225.

uma também crescente interpretação do futuro, possibilitando que um único termo passasse a condensar uma série de fenômenos característicos da modernidade; nas palavras de Koselleck, “the experience of a new time condensed into a word”¹⁷⁰. Koselleck chama a atenção para alguns aspectos fundamentais na formação desse conceito. A já aqui tangenciada *desnaturalização das metáforas de idades* é um deles. Da antiguidade até o início da modernidade, a “metáfora biológica”, de um mundo que conforme avança no tempo, estaria caminhando para o seu fim, era predominante. Somente a partir da dissipação dessa noção de declínio – que durante o século XVIII foi sendo cada vez mais compreendido como uma exceção no constante desenvolvimento da humanidade – passaria a ser possível um sentido de progresso que apontasse para um futuro realmente aberto.

Ao lado desse primeiro aspecto, Koselleck discorre também sobre a *temporalização*, através da qual os objetivos a serem atingidos pela ação do “aperfeiçoamento” passam a fazer parte da “performance da história humana”. A palavra “perfection”, que implica numa idéia de objetivo, meta é lentamente substituída por “*perfectionnement*”, um termo que remete a uma noção de um processo, de um movimento. Este é o momento ao qual corresponderia, por exemplo, a obra *Filosofia da História* de Hegel, que traz a expressão “astúcia da razão”; o momento em que “The experience of the past and the expectation of the future moved apart; they were progressively dismantled, and this difference was finally conceptualized by a common word, “progress”¹⁷¹.

Um último aspecto que abordaremos aqui a respeito deste conceito, tem a ver exatamente com temporalização da história e com a expansão do horizonte de expectativas. Koselleck faz a ressalva de que o conceito de “progresso” surge apenas em fins do século XVIII. Antes disso, por exemplo, o termo ainda nem existia no caso alemão, por exemplo, enquanto na França e na Inglaterra, o seu uso ainda era muito mais comum na forma plural. Kant é apontado pelo autor como o responsável por inaugurar uma multiplicidade de sentidos, seja do campo científico, tecnológico, ou industrial, somados àqueles significados oriundos da moralidade social e até mesmo da totalidade da história, todos dentro de um mesmo conceito comum; um “*coletivo singular*”:

¹⁷⁰ Ibid., p. 225.

¹⁷¹ Ibid., p. 228.

It lies together numerous experiences into a single term. It is one of those collective singulars (they abruptly increased toward the end of the eighteenth century) that condense ever more complex experiences on a higher level of abstraction. In terms of etymology, this involved a process corresponding to the French Revolution in politics and to a world commerce and the Industrial Revolution in economics in a way that still has to be investigated.¹⁷²

O “coletivo singular” “progresso”, carregado semanticamente com toda a experiência do novo tempo da modernidade, pode ser, portanto, pensado primeiro pela universalização de “progressos” restritos a determinados campos específicos no “progresso da humanidade”. Segundo, a partir do momento em que este objetivo ganha também uma dimensão de movimento, o progresso se torna ele mesmo um agente histórico. Por último, o conceito se torna quase auto-suficiente e auto-explicativo, quando passa significar “progress purely and simply”, e se impõe como indispensável ao vocabulário político dos mais variados grupos políticos durante o século XIX.

Neste ponto, é de muito valor a chave para a qual chama a atenção o historiador Fabio Wasserman, de que os homens da *Geração de 1837* consideravam todos os progressos da humanidade inter-relacionados “como parte de un único proceso civilizatorio”¹⁷³. Assim, a ainda inacabada Revolução de Maio estaria inscrita em um processo mais amplo de transformação mundial, como parte do destino possível através de certa inspiração da Providência, mas, sobretudo voltado para um futuro comum aos povos, que deveria ser garantido pela ação daquela geração, que se auto-definia “revolucionária”.

Ainda assim, não deve ser surpreendente a constatação de que seja relativamente fácil observar a permanência de uma visão predominantemente providencialista no discurso de Sarmiento em *Facundo*, por exemplo, no reconhecimento de virtudes do rosismo; pois seguindo esta concepção a rigor, chega-se a conclusão de que Rosas teria feito o bem mesmo sem sabê-lo. Esse parece ser também o raciocínio de Oscar Terán, quando afirma que

Esa providencia há operado para que el mismo Rosas, independientemente de sus deseos, haya realizado acciones por las cuales en la República Argentina no todo es vacío,

¹⁷² Ibid., p. 229.

¹⁷³ WASSERMAN, Fabio., *Revolución*, p. 171. In: GOLDMAN, Noemí. **Lenguaje y revolución**, op. cit.

desierto, sino que hay un comienzo de institucionalidad política imprescindible para la construcción de una nación¹⁷⁴.

O progresso teria ocorrido, ainda que Rosas não tivesse trabalhado efetivamente para isso, ou intencionado promovê-lo – e aqui não há como não recordar do que foi trabalhado no primeiro capítulo sobre a posição de Alberdi perante o rosismo, e a relação com as concepções da filosofia da história hegeliana, em particular a sua crença no papel de Rosas como “grande homem” capaz de servir de instrumento providencial. Nesse mesmo sentido pode-se entender a afirmação feita no *Facundo*, de que

no se vaya a creer que Rosas no ha conseguido hacer progresar la República que despedaza, no; es un grande y poderoso instrumento de la Providencia que realiza todo lo que al porvenir de la patria interesa¹⁷⁵

Assim pode-se compreender também o trecho em que Sarmiento ressalta a personalidade pouco “provinciana” de Facundo Quiroga, que ao contrário dos outros caudilhos, não teria hesitado em expandir o seu poder a outras províncias, fato que teria raízes nas viagens de sua juventude. Segundo ele, “así la Providencia realiza las grandes cosas por medios insignificantes e inapercibibles, y la Unidad bárbara de la República va a iniciarse, a causa de que un *gaucho malo* há andado de província en província, levantando tapias y dando puñaladas”¹⁷⁶.

A “astúcia da razão” e a “perfectibilidade” se manifestam no discurso de Sarmiento sobre Rosas e Quiroga; pois ainda que o seu juízo quanto ao papel desses caudilhos na história argentina se mantenha sempre negativo, ele não nega que a ação daqueles princípios seja uma constante. Pode-se perceber na continuidade desses elementos, característico das continuidades do providencialismo no seu conceito de “progresso”, uma explicação plausível para que “salte a frente” no seu discurso, ainda que de maneira abrupta e paradoxal, essa crença numa civilização que se alimenta de progressos apresentados – ao menos na maior parte da narrativa – como não definitivos.

Vimos anteriormente – concordando neste ponto com o argumento de Elías Palti – que no *Facundo* o providencialismo aparece de maneira

¹⁷⁴ TERÁN, Oscar., op. cit., p. 85.

¹⁷⁵ SARMIENTO, Domingo Faustino., *Facundo*, p. 234.

¹⁷⁶ *Ibid.*, p. 115.

problemática, pois o seu discurso traz um apelo pela superação da barbárie, apesar desta ser um resultado quase que inexorável conforme a própria narrativa. Naquela obra, Sarmiento tratava o meio natural como o grande eixo do processo histórico, restringindo-o a uma circularidade que operaria como um empecilho para os progressos substanciais; também era evidente a obsessão por alocar rigidamente os diversos personagens e fenômenos narrados dentro de um dos dois universos de sentido: a civilização ou a barbárie, sem estabelecer um caráter de evolução com um tempo próprio e um fim específico e superior, ou seja, um *telos* capaz de oferecer uma dimensão temporal maior àquela história. Tal ausência é nítida na sequência que se inicia com Quiroga, chega a Paz e termina com Rosas, sem um vencedor definitivo ou uma explicação – minimamente racional e coerente com a história que o próprio Sarmiento constrói – de como se daria a vitória da civilização. O que ocorre nas obras posteriores é que essa tensão passa a ser menos presente na medida em que Sarmiento constrói em seu discurso um *telos* mais definido e aumenta a ênfase e a confiança na possibilidade deste ser alcançado; o seu esforço passa a ser localizar cada um deles dentro de uma sequência que passa a comportar distintos patamares civilizatórios.

A impressão é a de que, um progresso efetivo rumo à civilização, só se torna possível em seu discurso quando ocorre “a temporalização da luta entre civilização e a barbárie”, que é o que primeiramente se detecta a partir de *Viajes*, e irá se manifestar, de formas distintas em *Recuerdos de Provincia* e *Argirópolis*. Tratada por Elías Palti como uma síntese superadora do *Facundo*, que teria sido capaz de mesclar o modelo de progresso cíclico daquela obra, com o modelo linear de *Viajes*, *Recuerdos* apresentaria “un modelo de desarrollo cíclico de progreso y decadencia donde se dibujan dos grandes períodos de desarrollo orgánico separados por la cisura que provoca la revolución”¹⁷⁷. Esse modelo é construído através da narrativa da história familiar de Sarmiento, recuperando desde a história colonial, passando pela revolução, até chegar à vitória da civilização, com ele próprio assumindo o papel de herói – quem finalmente

¹⁷⁷ PALTÍ, Elías., op. cit., p. 77.

venceria a barbárie, por ser um híbrido mais bem acabado que todos os grandes homens que o precederam¹⁷⁸.

Tal redefinição detectada na inserção da luta entre civilização e barbárie – lembrando que essa última aparece no seu discurso como um elemento naturalizado da realidade da região do Prata – dentro de um tempo histórico caracterizado pela força do progresso, se reflete em *Argirópolis*, publicado no mesmo ano que *Recuerdos*. A partir delas, o discurso de Sarmiento passa a carregar a noção de que era possível encaminhar aquele mundo de contradições a um progresso, no singular, não mais interrompido pela decadência, rompendo com a idéia de ciclos históricos que sempre desembocavam na barbárie e impediam a sua superação definitiva – ainda que fossem possíveis “progressos” contingenciais como a Revolução de 1810 e o período rivadaviano, ainda limitados pelo declínio imposto como quase inevitável pela concepção cíclica-providencial das obras anteriores.

Em *Argirópolis*, em função dessa mesma temporalização, os “progressos”¹⁷⁹ almejados serão substituídos por “meios para o progresso”, a serem alcançados dentro de um processo civilizatório pontuado por uma Constituição. O diagnóstico de Sarmiento é bastante claro neste sentido:

Con un continente inmensa y una población escasa; con ríos navegables, sin naves, ni el hábito de navegarlos; con una tierra fértil y sin ciencia para cultivarla; con ciudades en el interior sin comunicación fácil con los puertos; con un pueblo habituado a los usos y necesidades de la vida civilizada y sin industria para satisfacerlos. Dados estos antecedentes, cuya verdad nadie pone en duda, el tiempo por sí solo no puede producir una mejora de situación sensible; porque no hay progreso sino donde hay rudimentos que desenvolver, como ciencia, industria, etcétera. La independencia conquistada no podía ser un bien sino a condición de darnos libertad para corregir los defectos que había negado la colonización; la independencia, para perpetuar el mal existente, podría traer por consecuencia la destrucción de lo que existía, por la pereza y las pasiones desencadenadas.¹⁸⁰

Argirópolis traz, sob uma modalidade distinta, o mesmo Sarmiento “herói” e “grande homem” da civilização já bastante estudado em *Recuerdos*. A diferença – importantíssima para este trabalho – é que aqui ele se mostra já propondo um

¹⁷⁸ Semelhante auto-valorização do seu hibridismo voltaria a aparecer mais tarde em *Las Ciento y Una*, onde Sarmiento, ao responder a uma provocação de Alberdi assume – com certo grau de ironia – ser “un gaucho malo de la prensa”. Cf. SARMIENTO, Domingo Faustino., *Las ciento y una*, p.143. In: ALBERDI, J. B; SARMIENTO, Domingo Faustino. **La gran polémica nacional**. p. 143 -278.

¹⁷⁹ Cabe ressaltar que a forma plural quase não é usada em *Argirópolis*.

¹⁸⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino., *Argirópolis*., op. cit., p. 88.

esboço constitucional, se colocando definitivamente como mais próximo da razão e dos ideais de progresso e civilização que Facundo, Paz ou Rosas. O que sintetizaria mais todo este processo de redefinições conceituais – que terá como resultado uma abertura do espaço para a ação e uma possibilidade real da civilização capaz de construir a nação – do que a elaboração de uma Constituição? E para Sarmiento, que homem melhor que ele próprio – híbrido evoluído, “equilíbrio perfeito” entre o patriotismo e o cálculo racional – para arquitetar e comandar essa marcha?

Há um trecho de *Argirópolis* em que aparece claramente uma concepção de progresso ainda muito vinculada ao providencialismo. Trata-se da discussão que Sarmiento faz sobre o contexto conflituoso da região do Prata, quando pondera sobre a influência dos erros cometidos pelos rioplatenses como fundamentais para se entender aquela situação de conflito perene. Lá, ainda que a sua análise ofereça espaço espaço para a ação humana com vista a um *telos*, é evidente a presença da Providência como uma “força” tão real, quanto importante:

No maldigamos de la Providencia, que dispone y dirige los acontecimientos humanos. Deploremos nuestros propios extravíos, que han concitado contra nosotros tantos intereses y tantas pasiones; pero antes de entregarnos al desaliento, busquemos el medio de conciliar nuestra dignidad nacional con los intereses de los demás, y sacar del mal mismo de que somos víctimas el remedio que ha de estorbar en lo sucesivo la repetición de iguales calamidades. Acaso la Providencia ha querido favorecernos, poniendo límites forzosos a nuestros deseos desordenados, y ligando de tal manera intereses diversos, que de la solución que las circunstancias del momento exigen resulte la prosperidad de los Estados del Río de la Plata y la libertad de los pueblos que los forman¹⁸¹.

Esse fragmento aponta precisamente para a tensão existente entre a permanência do significado de Providência como uma força responsável por avanços – à revelia da irracionalidade que reinava nas decisões dos governos da região, e dos erros que Sarmiento percebe no trato das questões internacionais pelo governo de Rosas – e um chamado a ação que enxerga possibilidades típicas de um conceito de progresso com claro sentido de futuro em aberto.

A dinâmica dessa tensão – que existe não só no fragmento citado acima, como também em toda a argumentação de Sarmiento sobre os *deseos desordenados* – revela uma mudança importante de sentido em seu discurso. Isto

¹⁸¹ Ibid., p. 30.

porque, se por um lado a aparição desses desejos é uma formulação que expressa na filosofia da história de Sarmiento, a continuidade da coexistência de uma força providencial junto à outra crente em um futuro a ser construído; por outro, se considerado o percurso entre *Facundo* e *Argirópolis*, há um aspecto de ruptura evidenciado justamente na perda de espaço do providencialismo em favor de um discurso que enfatiza mais a possibilidade – e necessidade até – da ação civilizadora rumo a um futuro civilizado. Rompendo com o aspecto circular e determinista de tempo, ainda presente em *Facundo*, *Argirópolis* dá continuidade a expansão da perspectiva de ação, sob a forma de um *telos* definido – conforme já se observava em *Recuerdos* – agora nos moldes de um projeto explícito para ordenar e civilizar.

A formulação *deseos desordenados* implica basicamente no reconhecimento de Sarmiento da necessidade de que os homens agissem para solucionar as circunstâncias de momento de uma maneira mais decisiva para a promoção da civilização. Os *deseos desordenados* dos governos da região do Prata aparecem como elementos que estariam fora do parâmetro civilizacional elaborado definido em *Argirópolis*. Seguindo o que vimos até aqui, esses elementos nocivos à civilização foram tratados por Sarmiento como intrínsecos ao progresso, que movido por uma lei universal, teria garantido a possibilidade da promoção da civilização mesmo nos momentos de maior repúdio a Rosas e ao rosismo.

Em seu esforço para pensar na ordenação desses desejos, Sarmiento ressalta a inutilidade das tentativas da Confederação Argentina, em submeter o Uruguai e o Paraguai às mãos do encarregado provisório das relações exteriores. Utiliza novamente o direito escrito para explicitar a legitimidade de suas independências, reproduzindo a convenção entre as juntas governativas de Buenos Aires e do Paraguai – de 1811 – e a convenção preliminar de paz entre o Brasil e a República Argentina, quando esta última aceita declarar Montevidéu como Estado livre e independente. Aparentemente preparando terreno para os seus argumentos seguintes, lembra ainda que os negociadores argentinos recusaram, antes da convenção preliminar final, cláusulas como uma que declarava a República do Uruguai incapaz de ser incorporada a outro país por submissão, federação ou qualquer outra forma a qualquer outro Estado europeu ou americano.

Sarmiento parte da noção exposta até aqui, de que haveria uma interdependência entre as repúblicas da região do Prata e esta, mesmo que não desejada pelas partes, favoreceria, na prática, à Confederação Argentina, assim como era cômoda ao encarregado das relações exteriores. A solução proposta é no sentido de introduzir o projeto da criação de uma federação¹⁸² que associasse o Uruguai e o Paraguai à República Argentina, e fosse capaz de romper com a condição de “independência ilusória”, que seria responsável em larga medida pela desigualdade entre aquelas repúblicas. Se antes propunha a extirpação de Rosas do poder, agora Sarmiento propõe o fim da própria Confederação Argentina, que permitiria “al poder provisional, pero terrible e ilimitado, de que está investido el encargo de las relaciones exteriores¹⁸³”.

A “transação” que ele propõe seria realizada através de um pacto de união e federação. Se o exame da situação de fato mostra “un caos de confusión y de desastres”, seria tarefa de um congresso geral harmonizar o desequilíbrio existente, elaborando uma constituição que respeitasse os interesses comerciais e a liberdade política das partes contratantes. Derivando da vontade do povo e sendo reconhecida pela maioria – a exemplo do que ocorreu nos Estados Unidos – seria dever dos outros governos reconhecê-la, do contrário, o uso da violência seria perfeitamente legítimo.

Sarmiento alerta para o risco de que o encarregado provisório apresentasse obstáculos à cessação do poder que ele exercia, “pues aunque provisorio, es tan extenso e ilimitado, como no sería si fuese duradero y regular¹⁸⁴” – repetindo a ironia que já havia marcado o tom do capítulo “Gobierno Unitario” no *Facundo*. Tal postura iria totalmente contra os propósitos do coronel Dorrego ao solicitar o encargo provisório, e significaria a continuidade da usurpação do poder. Relembremos que a denúncia desta ilegitimidade é o que, conforme vimos, está no cerne da sua crítica ao rosismo em *Argirópolis* e é a partir dela que ele constrói o diagnóstico que aponta para debilidade institucional da Confederação Argentina.

¹⁸² A inspiração decorrente dos norte-americanos é evidente até no nome escolhido como exemplo, “Estados Unidos de la América de Sur”. Cf. p. 33.

¹⁸³ *Ibid.*, p. 33.

¹⁸⁴ *Ibid.*, p. 36.

A expressão *deseos desordenados*, mal do qual sofreriam a confederação e as repúblicas vizinhas do Uruguai e Paraguai, deve ser ressaltada porque traz consigo uma dupla problemática: indica a crença de Sarmiento num caminho minimamente universal rumo à civilização¹⁸⁵ – cuja ordem e normalidade estariam comprometidas; como também aponta para a necessidade da ordenação deste caminho, através da institucionalização das relações internas e externas da confederação, no sentido de trazer a pronta pacificação do Rio da Prata e a sua organização definitiva baseada numa Constituição.

A presença em seu discurso de uma expectativa pela ação institucionalizada, que acreditava ser capaz de ordenar os conflitos e as paixões, se relaciona certamente com aquelas redefinições às quais me referi anteriormente. Percebe-se, por exemplo, que o sentido de Providência, ainda que permaneça presente em *Argirópolis* associado à lei de desenvolvimento contínuo, perde parte da sua força na medida em que aumenta o espaço para a ação humana. Trata-se de um movimento que se repete ao analisarmos conceitos que também mantêm em suas cargas semânticas o sentido de futuro oferecido pelo providencialismo – como “progresso”, “revolução” e “civilização” – mas que lentamente sofrem mudanças conceituais que tem em comum – retomando o ponto de maneira sintética – um caráter de afirmação qualitativa deste futuro como um espaço aberto e suscetível de ser alterado pela ação humana. Em todos estes conceitos, verifica-se um alargamento do horizonte de expectativas, expresso na possibilidade – e mais que isso, na necessidade – de que os homens letrados agissem para ordenar os desejos e conseqüentemente os rumos da incipiente nação argentina de forma a posicioná-la nos mesmos trilhos das civilizações européias.

São essas redefinições que tornam possíveis a identificação dos *deseos desordenados* e a proposição de soluções para ordená-los. Veremos a seguir outra das redefinições que marcam o discurso de Sarmiento – esta, uma verdadeira mudança no paradigma de civilização que orientava o seu pensamento.

¹⁸⁵ Ainda que, conforme o paradigma historicista da geração romântica, Sarmiento acreditasse que as características da civilização projetada devessem ser necessariamente balizadas pelas particularidades locais.

3.4. Um novo paradigma de civilização

Desde pelo menos 1847, quando esteve pela primeira vez nos Estados Unidos – durante a viagem que fez a cargo do governo chileno narrada em *Viajes* – Sarmiento estabeleceu importantes laços intelectuais naquele país¹⁸⁶. A sua relação com intelectuais como o poeta Henry Longfellow, Horace Mann, Joseph Story e Francis Lieber – no campo da filosofia política – será progressivamente mais estreita a partir de então.

Enquanto *De la Educacion Popular* apresenta um esforço de sistematização a ser entregue ao governo chileno, sobre os sistemas educacionais dos diferentes países estudados e visitados por Sarmiento; *Viajes* é muito mais uma espécie de diário, que pelos comentários e impressões que apresenta, permite traçar algumas linhas sobre a mudança de paradigma da qual trato aqui. A leitura desta obra permite que testemunhemos o desencantamento de Sarmiento com a civilização na Europa, e uma contrastante admiração pelo modelo político norte-americano, federal e descentralizado, no qual o status de soberania desfrutado pelos municípios parece tê-lo impressionado em especial. A dinâmica populacional e econômica dos Estados Unidos, somada ao seu sistema educacional, teria erguido uma sociedade civil capaz de promover harmonicamente o progresso.

A sua desilusão com a Europa vem em grande parte com a desordem que experimenta após desembarcar naquele continente. Sarmiento inicia o seu relato em terras francesas quando escreve a um amigo – desde a cidade de Rouen: “he tocado tierra em Europa, [...] he abrasado, mas bien dijera, esta Francia de nuestros sueños”¹⁸⁷. Afirma ainda

¹⁸⁶ Como mostra Iván Jaksic em *The Hispanic World and American Intellectual Life, 1820-1880*, Sarmiento e Longfellow se encontraram em Boston (1865), iniciando uma série de correspondências marcadas por elogios mútuos; Sarmiento, por exemplo, se refere a Longfellow como “o poeta mais notável da língua inglesa”, enquanto este elogia a cópia que recebe de *Facundo* como “repleta de interesse e informação”, e chega a apoiar posteriormente a homenagem de Harvard pela qual o sanjuanino – àquela altura embaixador da Argentina – vinha trabalhando junto a outros membros da elite intelectual norte-americana. Jaksic mostra também os contatos que Sarmiento – além de outros intelectuais hispano-americanos – fizeram em outros momentos. Especialmente enriquecedora é a recuperação da história da amizade entre ele e Mary Peabody Mann – esposa de Horace Mann – que mais tarde viria a realizar a primeira tradução do *Facundo* para a língua inglesa. Cf. JAKSIC, Iván. *The Hispanic world and American intellectual life, 1820-1880*.

¹⁸⁷ SARMIENTO, Domingo Faustino., *Viajes por Europa, África y América. 1845-1847*, p. 75.

no soi el huésped, ni el extranjero, sino el miembro de la familia, que nacido en otros climas se acerca al hogar de sus antepasados, palpitándole el corazón con la anticipación de las sensaciones que le aguardan, dando una fisonomía a los que solo de nombre conoce, i tomando prestados a la imaginación, objetos, formas i conjunto, que la realidad destruirá bien pronto, pero que son indispensables al alma, que como la naturaleza, tiene horror al vacío.¹⁸⁸

Tal deslumbramento se desdobra no momento em que descreve Paris, através da peculiaridade do flâneur parisiense que faz do simples caminhar pela “encantada vida” da cidade, uma arte; ou na “benevolência pública” e “bondade fraternal” que os seus habitantes reservam aos “estrangeiros” que a visitam. Ao seu interlocutor¹⁸⁹, tenta descrever a cidade, como “un pandemonium, un camaleon, un prisma”, que atenderia as expectativas mais variadas possíveis, de um sábio, a alguém em busca de antiguidades; de um astrônomo a um literato; de um artista a um estudioso da política.

No entanto, alguns aspectos negativos da sua experiência em Paris começam a aparecer na sua narrativa. As primeiras críticas miram alguns homens do governo, das letras e de maneira mais contundente, alguns periodistas (como Lassale e Girardin) que, motivados por interesses políticos ou econômicos, ou ainda por desconhecimento dos assuntos do Rio da Prata¹⁹⁰ – segundo Sarmiento – defendiam a posição do chefe de governo francês – François Guizot¹⁹¹ – na política de não intervenção nas questões do Rio da Prata.

Do encontro com Émile Dessage¹⁹² – responsável pela política externa francesa daquele governo – saltam impressões particularmente ruins. O funcionário do ministério é descrito por Sarmiento como “griego para él todo lo que hablo”, que teimava em estabelecer uma relação direta entre Rosas e o rei Luís Felipe; entre a mazorca e o partido moderado; de homens como o general Paz e o poeta Varela com membros da oposição de centro-esquerda como Odilon Barrot, Rollin e Thiers. Já sobre o seu encontro com Guizot, fornece

¹⁸⁸ Ibid., p. 77.

¹⁸⁹ Antonio Aberastain – jurista e político sanjuanino bastante próximo a Sarmiento. Assim como este, teve que se exilar no Chile durante o governo Rosas.

¹⁹⁰ Sarmiento cita a ocasião em que Lamartine teria indagado o poeta Florencio Varela sobre o idioma falado na região do Rio da Prata (caso provavelmente ocorrido em 1843, quando Varela foi enviado à Europa pelo governo de Montevideu para pedir auxílio contra o cerco à cidade promovido por Manuel Oribe, aliado de Rosas).

¹⁹¹ Àquela altura chefe de governo “de fato” na França.

¹⁹² Sarmiento retrata Dessage como “el ojo con que Guizot ve la cuestion del Plata”, que “todos los días presenta el extracto de los diarios i de las noticias recibidas”. Cf. *Viajes.*, op. cit., p. 106.

surpreendentemente poucos detalhes; conta que conversaram sobre a educação primária – motivo de sua viagem – e sobre assuntos relativos ao Chile. Com desprezo relata, por último, o seu encontro com o barão Mackau ¹⁹³, que o teria recebido “con la amabilidad e expansiva del hombre que se siente estúpido, e le han persuadido que su interlocutor es mas inteligente”. Segundo Sarmiento, o barão não era capaz de acompanhar a sua explicação sobre os assuntos da região do Prata, e um oficial do governo – o conde Alley de Cyprey ¹⁹⁴ – que seria “el alma de Mackau”, teria ficado furioso por ele ter sido apresentado ao barão. Sarmiento conclui esses relatos de encontros com homens responsáveis pelo governo francês comentando com seu interlocutor:

Aquí tiene Ud. Pues, íntegro el pensamiento *oficial* sobre la cuestion del Rio de la Plata, en el gabinete de las Tullerías, jarron dorado que contiene agua suscia. Dessage, Alley, tales como Ud. los ve, son los árbitros de nuestra suerte. ¹⁹⁵

Todo esse aspecto político, sintetizado pela recusa do governo de Guizot em intervir na política interna da região do Prata, certamente influencia no julgamento de Sarmiento sobre a civilização francesa. O relato da sua conversa com Thiers – principal líder da oposição – deixa ainda mais clara a influência daquele contexto sobre as alterações que ocorrem na sua visão da França como paradigma civilizacional.

Enquanto relata Dessage e Guizot como pouco interessados nas suas posições sobre a política do Prata, e a ingenuidade do barão Mackau, Sarmiento elogia Thiers ao confessar a sua satisfação em razão de ter sido reconhecido por “una de la primeras inteligências de la tierra”. O político e historiador francês teria ouvido com muita atenção toda a fala de Sarmiento sobre as questões da América do Sul, que rodeariam “sobre um punto céntrico, único, la falta de intereses industriales”¹⁹⁶. Das duas sessões que presencia na câmara – a primeira marcada por um discurso de Thiers contra o governo, e a segunda pela defesa de Guizot –

¹⁹³ Diplomata francês com cujo nome ficou marcado o tratado, entre Argentina e França, que estabeleceu a paz entre os dois países em 1840.

¹⁹⁴ Segundo Sarmiento um conde que após a Tomada de Obligado – quando ingleses e franceses, em 1845, derrotaram as forças rosistas com o intuito de assegurar a livre navegação no Rio Paraná – foi à Buenos Aires a pedido do rei para assegurar a Rosas a desaprovação do seu governo pelo início das hostilidades. Para Sarmiento, tal movimento deve ter ratificado a continuidade da política não-intervencionista da França em relação ao rosismo.

¹⁹⁵ Ibid., p. 108.

¹⁹⁶ Ibid., p. 109.

conclui ironicamente, que apesar da maioria parlamentar e dos argumentos dos conservadores, haveria uma clara distorção no sistema eleitoral, que favoreceria esses últimos:

La Francia ha caído en este horrible lazo, i en vano se ajita, lucha, protesta; ella no es el país legal, ni el país electoral. [...] Cuando se denuncia un delito evidente como la luz, una dilapidación escandalosa, probada, M. Guizot pide que la cámara decida si está o no satisfecha, i un movimiento en masa de la turba de cómplices, absuelve de toda culpabilidad al rei i al ministerio. He ahí el país legal, he ahí los grandes hombres de la tierra!¹⁹⁷

A crítica a Guizot e ao seu governo é ainda mais aguda quando Sarmiento enfatiza que ele havia dito em plena câmara sobre a necessidade de se deter o progresso, que em demasia, representaria perigo, fortalecendo uma opinião reacionária para pouco a pouco convertê-la numa “opinion probable”. Numa frase que, mais uma vez, chama a atenção para o papel da ação na história, segue questionando a postura do governo francês, que agiria considerando que “Los pueblos no marchan a un fin, la historia no tiene hilacion; hai hechos, *voilà tout*; i el hecho consumado es la lei del jénero humano”¹⁹⁸. Esta é a marca que se depreende dessas páginas de *Viajes* sobre a França, ou seja, a de um governo conservador, excessivamente autoritário e – muito importante – cego à “verdadeira” conjuntura política do Prata, que na opção por remar contra o progresso, abre um processo, ainda que breve, de decadência civilizacional.

Breve porque a França já estaria em um patamar de civilização avançado; Sarmiento acreditava que lá – apesar da situação política denunciada – a inteligência humana havia chegado “a sua últimos desenvolvimentos”, e que o homem francês “marcha en la verdade como en error sin tutela, sin trabas”¹⁹⁹.
Escreve ainda que

Sus ideas i sus modas, sus hombres i sus novelas, son hoi el modelo i la pauta de todas las otras naciones; i empiezo a creer que esto que nos seduce por todas partes, esto que creemos imitacion, no es sino aquella aspiracion de la índole humana a acercarse a un tipo de perfeccion, que está en ella misma i se desenvuelve mas o ménos, segun las circunstancias de cada pueblo.²⁰⁰

¹⁹⁷ Ibid., p. 117.

¹⁹⁸ Ibid., p. 117.

¹⁹⁹ Ibid., p. 122.

²⁰⁰ Ibid., p. 123.

Essa afirmação – a qual se segue a noção de que todos os “pueblos cristianos” formariam, no futuro, um só povo homogêneo e civilizado – reflete a concepção hegeliana de uma marcha direcionada pelo “espírito”. Entretanto, Sarmiento recorre também ao socialismo utópico centrado na indústria, conforme proposto por Charles Fourier, que teria

[...] deificado en la criatura el poder del Criador, poetizando el trabajo i la inteligencia humana, en lugar de la fuerza destructora de héroes sanguinarios, que hacen hasta hoy el caudal de la poesia épica, como en los tiempos antiguos dioses inmorales, caprichosos e injustos.²⁰¹

É nessa última passagem que encontramos um fator importante, que ajuda a compreender mais satisfatoriamente o que a primeira vista pode causar estranheza, ou seja, o fato de que Sarmiento retrata a França como a nação mais civilizada da terra, ao mesmo tempo em que enfrentava um processo de decadência. Em primeiro lugar, cabe ressaltar que ele não deixa de louvar “los placeres públicos” e toda influência positiva que estes exerciam sobre os costumes daquela nação. O polimento dos hábitos franceses – para Sarmiento índice e fator da sua civilização – aparece a salvo no texto de *Viajes* das deturpações da política interna e externa daquele país; e é encontrado por ele no teatro, no exercício das ciências, das artes e das crenças. Em especial, Sarmiento considera duas instâncias capazes de emanar costumes propícios à civilização; os bailes parisienses – pelo seu dito potencial em promover a igualdade – e o hipódromo – um espetáculo de grande potencial civilizador, por seu caráter popular, que poderia ser transportado para a “América”. Sobre essa importação afirma que “Con nuestro poder de guasos sobre el caballo i el arte europeo, el hipódromo seria en América una diversion popular i uma alta escuela de cultura”²⁰².

Tal valorização da cultura francesa – ou se quisermos em termos mais gerais, da Europa ocidental e cristã – não nega o caráter de ruptura com o paradigma civilizacional europeu, em favor de outro, norte-americano – que buscaremos explicitar adiante. Parece razoável afirmar que o que teria garantido a continuidade, no discurso de Sarmiento, daquela valorização cultural, seria a sua convicção de que ali residiria o segredo da solidez da civilização francesa.

²⁰¹ Ibid., p. 123.

²⁰² Ibid., p. 126.

Nesse aspecto, há dois fatores importantes a se ressaltar sobre o que faria da França uma civilização tão sólida na sua análise. Um primeiro, o próprio enraizamento de costumes já consolidados entre o povo francês, algo corrente na sua obra e confirmado pelo relato da sua experiência *in loco*; outro, evidentemente o caráter civilizador que atribuía ao cristianismo; e por último, os “interesses industriais”, que já estariam disseminados naquela nação, harmonizando os conflitos, desenvolvendo a economia, ramificando os transportes, enfim, contribuindo para o “polimento” da população, vetor que aparece, já em *Viajes*, como fundamental para a promoção e aceleração da civilização. A atenção prezada ao pensamento de Fourier, ainda que com algumas ressalvas, é sintomática; o progresso medido pelo estágio alcançado pela indústria francesa estaria assegurando o que a política, naquele momento, era incapaz de fazer.

Nesse sentido, ainda haveria o que se valorizar na civilização européia: na França, a indústria havia consolidado o progresso, e polido a “fuerza destructora” da Revolução Francesa – um processo necessário na marcha rumo à civilização, mas que num estágio civilizacional mais avançado, precisaria ser domado e adaptado pela razão humana. Este é o passo que nem a França, nem muito menos as nações da América do Sul teriam logrado dar, afinal essas últimas ainda estariam numa espécie de limbo, incapazes de romper o estágio das revoluções de independência e de superar os conflitos e paixões que impediam a construção de laços. A partir desse raciocínio é possível compreender melhor a crítica que Sarmiento faz em *Viajes* a San Martín: “hombre de una pieza, anciano batido i ajado por las revoluciones americanas [que] ve en Rosas el defensor de la independencia amenazada”²⁰³; e do mesmo modo, a conflituosa relação de interesses na Região do Prata que evidencia em *Argirópolis*.

Em certa medida, mesmo a França, que teria avançado muito naquele percurso, daria sinais de que não teria se recuperado totalmente da Revolução de 1789, e menos ainda teria a Argentina e as outras nações da América do Sul se recuperado do passado anárquico que sucedera a heroica Revolução de 1810 – um problema já alguns anos detectado pela sua geração. Sarmiento continuou – mesmo após *Viajes* – tomando como inspiração alguns elementos da civilização

²⁰³ Ibid., p. 108.

francesa, sobretudo o estágio mental e cultural que ele percebia nela. No entanto, as tensões que ameaçavam a ordem política e social – observadas por ele de perto – certamente levaram-no a repensar o status que ocuparia a civilização francesa entre os distintos patamares civilizatórios considerados no seu discurso. Afinal, aquele modelo de civilização encontrava dificuldades para superar o problema dos desencontros entre “liberalismo” e “democracia” – o que não fora um privilégio do caso francês – e parecia para Sarmiento um modelo decadente no sentido de que, para garantir a conservação da ordem, dependeria do autoritarismo do governo sobre uma população excessivamente tutelada.

Esse é o momento em que Sarmiento visita os Estados Unidos pela primeira vez. Ao experimentar a realidade daquele país, ele de fato acreditou que tomava conhecimento de um modelo superior de civilização para os países do sul, afinal aquele jovem país havia logrado um rápido e eficaz desenvolvimento industrial, e construía a passos largos uma sociedade que Sarmiento enxerga como marcada pela igualdade, pela descentralização e pela educação. Enquanto na Europa a civilização parecia estar estagnada – entre nações como a França e a Prússia dominadas por um centralismo excessivo, e outras como Suíça e Itália, ainda marcadas pela tradição feudal – nos Estados Unidos ele se depara com o republicanismo que não encontrou no Velho Mundo. A historiadora Maria Elisa Mäder resume assim essa experiência:

As pequenas cidade de Tucídides e Maquiavel não representavam um modelo relevante; a revolução republicana havia sucumbido na França; em Buenos Aires, a república unitária havia sido comprometida por seus erros e ilusões; e, finalmente, no Chile, o governo de Manuel Montt havia dado origem a uma experiência republicana aristocrática. Nos Estados Unidos, Sarmiento via uma outra experiência bem diferente e positiva, na medida em que ali se concretizavam princípios e realidades aparentemente incompatíveis: um espaço ilimitado, uma numerosa população, igualdade social e liberdade econômica, um grande mercado, um vasto número de centros públicos de iniciativa e controle e, como traços mais importantes, a descentralização federal, a liberdade política e a educação [...]. Era como se a república se apresentasse pela primeira vez como uma possibilidade histórica, tão distante dos sonhos iniciais como das combinações entre a liberdade civil e os velhos privilégios das monarquias européias, como uma democracia que sabia conjugar a igualdade com a liberdade [...] ²⁰⁴.

²⁰⁴ MÄDER, Maria Elisa Noronha de Sá. *Civilização e Barbárie: a representação da nação nos textos de Sarmiento e do Visconde do Uruguai*, p. 60.

É certo que Sarmiento inspirou a sua análise na obra de Tocqueville, e mais que isso, ainda que o seu relato seja feito a partir de uma experiência empírica, é perceptível que muito do que descreve ter observado nos Estados Unidos, foi filtrado em função da leitura da obra *Democracia na América*. Ambos vivenciaram conturbados períodos pós-revolucionários, e condenaram os erros cometidos pelas gerações que precederam a deles próprios. William Katra chama a atenção para a semelhança da substância dos comentários dos dois autores sobre os Estados Unidos, ressaltando o conservadorismo que permeia o discurso de ambos. Para Katra,

both writers felt a deep admiration for what they saw and learned in United States; but both, for similar reasons, hesitated to embrace the practices they observed as panaceas for their own countries. Sarmiento's reactions to life and institutions in the United States, like those of his French mentor, were those of an *adventurous conservative*.²⁰⁵

Tanto Sarmiento – e a *Geração de 1837* em geral – quanto Tocqueville foram extremamente críticos sobre a falta de realismo e de moderação das gerações que os precederam. Na atuação intelectual e política da geração romântica argentina sempre esteve presente um clamor pela “emancipação mental” das sociedades hispano-americanas, que seria o passo seguinte necessário após o primeiro – a luta pela independência. O que estava em jogo para esses intelectuais era a elaboração de um projeto civilizatório, capaz de promover o progresso material e a elevação moral do povo sem que, no entanto, a ordem social estabelecida fosse ameaçada.

O medo da radicalização da luta política, sobretudo de demandas irracionais por igualdade que pudessem colocar em risco as estruturas sociais erguidas e administradas pelas elites, não impediu que Sarmiento reforçasse a importância da homogeneização cultural nos Estados Unidos, como um elemento de pressão social capaz de civilizar gradativamente as massas, ainda que através de um processo *a priori* negativo por pressupor a coerção. Atento ao que Tocqueville escrevera alguns anos antes, Sarmiento trata a “uniformidade” daquela sociedade como

²⁰⁵ KATRA, William H. *Rereading viajes: race, identity, and national destiny*. In: HALPERÍN DONGHI, Tulio (Org.). **Sarmiento. Author of a nation**. Berkeley: University of California Press, 1994, p. 84.

though hardly enlightened, nevertheless was the source of a social stability unknown in any other country of the West. In brief, both Tocqueville and Sarmiento derived inspiration from the North Americans, a people enamored with change but detesting revolution”²⁰⁶.

É esse comportamento antirrevolucionário uma das principais características do homem norte-americano exaltadas por Sarmiento em *Viajes*.

A reflexão de Tocqueville sobre a democracia norte-americana reconhecia a irresistibilidade do fenômeno da expansão da igualdade entre os homens; “a grande vantagem dos americanos” – afirma – “é terem chegado à democracia sem terem precisado passar por revoluções democráticas e terem nascido iguais, em vez de terem se tornado”²⁰⁷. Assim, o que a França havia alcançado por meio de sangrentas convulsões sociais e sucessivos golpes de estado, aflorava nos Estados Unidos harmonicamente, a partir dos seus costumes e instituições.

Ainda que se considerasse quase “forçado” a aceitar a realidade de uma “revolução democrática”, Tocqueville criticou a força do igualitarismo norte-americano, considerando-a tão penetrante em todos os domínios da vida social norte-americana, que implicaria em uma ameaça futura aos direitos individuais, à liberdade de expressão e à pluralidade de pensamento. Por isso alertava para o risco do que denominou “despotismo da maioria” – um “novo despotismo”, dotado de roupagem democrática, que combinaria traços “franceses” e traços “norte-americanos”, ou seja, “centralização administrativa e poder esterilizador da opinião pública”²⁰⁸. É nesse mesmo sentido que Tocqueville critica o sistema eleitoral norte-americano, como um sistema que garantiria uma tirania branda exercida por um uma maioria despersonalizada.

O que animava o discurso de Sarmiento e caracterizava a sua análise – já que a preocupação de Tocqueville passava muito mais por explicar como funcionava, além de tentar prever o que seria daquela república democrática – é exatamente o otimismo em relação à possibilidade de dar vida a uma democracia construída naqueles moldes no território argentino. Assim, a sua percepção do

²⁰⁶ Ibid., p. 85.

²⁰⁷ TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América: Livro II. Sentimentos e opiniões*, p. 124.

²⁰⁸ MANENT, Pierre., op., cit., p. 168.

modelo norte-americano, que asseguraria a ordem social através da sua uniformidade, se mostrava bastante positiva:

En los Estados-Unidos la civilizacion se ejerce sobre una masa tan grande, que la depuracion se hace lentamente, reaccionando la influencia de la massa grosera sobre el individuo, i forzándole a adoptar los hábitos de la mayoría, i creando al fin una especie de gusto nacional que se convierte en orgullo i en preocupacion. Sin favorecer estos hábitos, ni empeñarme en discuparlos, despues de haber recorrido las primeras naciones del mundo Cristiano, estoi convencido de que los norte-americanos son el único pueblo culto que existe en la tierra, el último resultado obtenido de la civilizacion moderna²⁰⁹.

Diferente de Alberdi, Sarmiento se aproximava de Tocqueville em relação à valorização do conceito antigo de liberdade, “que se traduzia na defesa ardorosa do papel da atividade política e do caráter virtuoso do cidadão, de cuja combinação dependia a conjuração da tirania [...]”; sobretudo no segundo volume de *A Democracia na América*, Tocqueville teria visto

no apego do homem moderno às pequenas paixões, ao enriquecimento e à vida materialmente cômoda, ou seja, no recolhimento à esfera privada, as condições para o desenvolvimento do despotismo, pois isso fazia-se acompanhar da despreocupação com os assuntos públicos²¹⁰.

Em função da adequação a tal concepção de liberdade, Sarmiento enxergava um sério risco na renúncia dos homens à soberania ativa, o que certamente pesou, por um lado, para o juízo negativo da relação que estabelecia o governo francês que estaria agindo como um tutor que tomava para si as responsabilidades políticas dos seus representados; e por outro, para a admiração da república norte-americana e aquele tipo de igualdade que favoreceria a consolidação de um “povo culto” como um todo, e, portanto, capaz de exercer a sua “maioridade”.

Sarmiento identifica esse tipo de igualdade expresso também no razoável nível de leitura e escrita do povo²¹¹; nos instrumentos utilizados pelos agricultores, que são “os mesmos” – e “os melhores conhecidos”. Os trajes e acessórios também são os mesmos – chama a atenção de Sarmiento, por exemplo, o uso disseminado do relógio de bolso. A

²⁰⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino., *Viajes por Europa, África y América. 1845-1847.*, op. cit., p. 313.

²¹⁰ BEIRED, José Luis Bendicho., *Tocqueville, Sarmiento e Alberdi: três visões sobre a democracia nas Américas*, p. 73.

²¹¹ Sarmiento chama a atenção para os poucos erros nos anúncios, comparando com os erros que observara na Espanha e na América do Sul.

igualdad es pues, absoluta en las costumbres i en las formas. Los grados de civilizacion o de riqueza no están espresados como entre nosotros por cortes especiales de vestido. No hai chaqueta, ni poncho, sino un vestido comum i hasta una rudeza comum de modales que mantiene las aparências de igualdad en la educacion²¹².

Para Sarmiento, a igualdade nos Estados Unidos é construída sobre a homogeneidade daquele povo, que não conhecera a desigualdade e os privilégios do mundo aristocrático europeu. A sociedade norte-americana estaria sendo erguida pelo “único pueblo del mundo que lee en massa”, e em um lugar “donde la educacion como el bienestar están por todas partes difundidos i al alcance de los que quieran obtenerlo”²¹³. Antes da influência da raça anglo-saxã²¹⁴ – tão valorizada por ele e outros intelectuais da sua geração – Sarmiento tenta explicar o desenvolvimento acelerado dos Estados Unidos – “el último resultado de la lójica humana” – pelo direcionamento das forças dos trabalhadores na sua atividade cotidiana – o que em tese esgotava todo o seu tempo e impedia qualquer excesso de questionamentos ao sistema; ressaltava ainda a importância do voto – enxergava o sistema eleitoral como parte essencial da legitimação do republicanismo norte-americano, que junto ao exército, à educação e à indústria moldavam um corpo social ordenado e estável.

Ainda que alguns traços de rudeza marcassem o homem norte-americano, Sarmiento indica – durante toda a narrativa de *Viajes* – uma série de características da civilização e da polidez alcançadas pelos *yankees*. A grande extensão dos telégrafos – “simple negocio de movimiento”, ao contrário da França, onde o seu uso seria monopolizado pelo governo –; o conforto nos meios de transporte – que também refletiam a igualdade, pois “la democracia de Norte-América ha distribuído el *confort* i el lujo igualmente en todos los wagones para alentar i honrar la pobreza”²¹⁵; ambos fatores que levam Sarmiento a estabelecer a liberdade e o desenvolvimento do espírito alcançado pelos homens nos Estados Unidos em um patamar superior ao dos europeus. Na sua concepção, a Europa,

²¹² SARMIENTO, Domingo Faustino., op. cit., p. 301.

²¹³ Ibid., p. 313.

²¹⁴ O Canadá é citado como indício da impossibilidade de a raça, sozinha, operar como motor civilizatório. p. 316.

²¹⁵ Ibid., p. 319.

outrora baluarte da civilização, fazia do europeu “un menor²¹⁶ que está bajo la tutela protectora del estado”²¹⁷.

Um dos vários exemplos utilizados para marcar, o que ele acreditava ser uma profunda diferença entre Estados Unidos e Europa, é o das estradas de ferro; para ele, a velocidade com que os norte-americanos conseguiam avançar na sua rede ferroviária – que teria àquela altura o dobro da extensão da rede europeia – era resultado direto da razão, do discernimento, do arrojo e da liberdade daqueles homens. Os europeus, por sua vez, seriam “presos disciplinados” extremamente protegidos pelo Estado – o que se refletiria nos inúmeros sinais de alerta, nas rigorosas inspeções e seguros que compunham o seu sistema ferroviário, em contraste com o sistema norte-americano, menos regulado – não conseguiriam se desvencilhar de suas garras a ponto de desenvolver um grau de autonomia e liberdade suficiente para o prosseguimento do seu curso civilizacional.

A “ordem” vigente nas “nações europeias civilizadas” passava a ser entendida por ele como imposta de cima para baixo, a uma população que teria suas responsabilidades políticas suprimidas, e que não estaria totalmente preparada para criar um ambiente suficientemente estável e propício ao desenvolvimento de uma civilização. Esse novo entendimento – que tangenciamos há pouco com base na diferença entre as duas concepções de liberdade – certamente se relaciona com a diferença que Natalio Botana marca entre Alberdi e Sarmiento, já desde escritos anteriores dos dois autores; segundo ele, enquanto o primeiro teria dado preferência a ação espontânea da sociedade e ao papel do governo como mero limitador – a *liberdade moderna* ou *negativa* –, o último sempre enfatizaria a importância da coisa pública e dos que dela participavam – a *liberdade antiga* ou *positiva*. Ainda segundo Botana, para Sarmiento “La república era una forma de gobierno que educaba. En su recinto la comunidad política discutía y aprobaba

²¹⁶ É notável neste ponto a influência do conceito de *esclarecimento* à maneira significada por Immanuel Kant em *O que é Esclarecimento?* [*Aufklärung*], texto em que desenvolve o caminho através do qual a razão humana, por meio de um processo liderado por ela mesma, permite que um indivíduo ou todo um povo se livre da submissão a um poder tutelar qualquer que caracterizaria um estágio de *menoridade*, e finalmente alcance a *maioridade*. Cf. KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento?* [*Aufklärung*].

²¹⁷ *Ibid.*, p. 319.

planes obligatorios de educación. De este modo, las instituciones moldeaban al ciudadano”²¹⁸.

Há um aspecto cuja análise é fundamental para compreendermos essas ressignificações no conceito de civilização de Sarmiento, que ocorrem a partir de *Viajes*; trata-se do conceito de *república*, que mantém uma relação com todos os elementos sobre os quais estamos tratando aqui – leia-se a questão da igualdade, o povoamento, o sistema político e educacional e o estágio avançado da indústria – e que tanto impressionaram Sarmiento durante a sua experiência nos Estados Unidos. Aquele conceito, já essencial no discurso de Sarmiento desde antes do período compreendido em *Viajes*, cobra ainda mais importância à medida que o seu paradigma civilizacional se desloca da Europa para os Estados Unidos – a primeira cada vez mais tratada como incapaz de inspirar a civilização nas repúblicas da América do Sul, até pela própria realidade política de estagnação que causava às nações européias, em especial na França regida pelo governo conservador de Guizot.

Sarmiento afirma que a população em massa dos Estados Unidos adquiriu “este sentimiento, esta conciencia política” cujo nome ele mesmo não se julgava capaz de definir. Reportando ao que lê nos trabalhos do historiador norte-americano George Bancroft – ele escreve:

Es un hecho que se há venido preparando de cuatro siglos; es la práctica de doctrinas i partidos vencidos i rechazados en Europa, i que con los peregrinos, los puritanos, los kuáqueros, el habeas-corporis, el parlamento, el juri, la tierra despoblada, la distancia, el aislamiento, la naturaleza salvaje, la independencia, etc., se ha venido desenvolvendo, perfeccionando, arraigando. En Inglaterra hai libertades políticas i religiosas para los lores i los comerciantes; en Francia para los que escriben o gobiernan; el pueblo, la masa bruta, pobre, desheredada, no *siente* nada todavía sobre su posición como miembros de una sociedad; serán gobernados monárquicamente, aristocráticamente, teocráticamente, según lo quieran o no puedan resistirlo los propietarios, los abogados, los militares, los literatos [...] En Norte-América, el yankee será fatalmente republicano [...]²¹⁹

Pois lá, o “sentimento político” – colocado por Sarmiento no mesmo grau de importância da razão, já estaria completamente desenvolvido. A cada nova região explorada, os *yankees* – povo que levaria consigo uma “consciência

²¹⁸ BOTANA, Natalio., op. cit., p. 318.

²¹⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino., op. cit., p. 333.

política” sob a forma de um “sentimento moral” – antes mesmo de construir as suas novas moradias, se reuniram para definir as bases de novas e espontâneas associações municipais. Após a formação de um território, outrora desligado do restante da União, surgiria “un Estado para aumentar una nueva estrella en la constelacion de los Estados Norte-Americanos, con las mismas leyes, sus prácticas, sus instituciones civiles i políticas, i sobre todo con su carácter peculiar de nacionalidad, marcado con el sello enérgico de aquel colosso”²²⁰; e ainda chegaria o dia em que não haveria a necessidade de pactos, tamanha a solidez que alcançariam no futuro.

A República norte-americana é louvada por Sarmiento também pelo sistema educacional, que imporia, em muitos casos, a construção de escolas precedendo a própria fundação de novas vilas. Igualmente valorizada é a representação naquele modelo republicano, por isso afirma que “la sociedad necesita tener una voz suya, como cada individuo tiene la que le sirve para espresar sus sentimientos, opiniones i deseos”²²¹; a câmara de representantes e uma imprensa diária e atuante são identificadas como instâncias fundamentais para que as grandes massas fossem capazes de expressar os seus interesses, paixões e desejos. O aspecto material – ferrovias, portos e telégrafos, por exemplo – é outro que é crucial, porque promoveria o desenvolvimento da indústria e o “polimento” da sociedade; sobretudo pela igualdade característica da distribuição dos serviços e produtos nos Estados Unidos.

Sarmiento chama o sistema que ia se consolidando naquele país de “hecho único en la historia del mundo”, e o contrapõe com a realidade europeia, onde relata ter presenciado “millones de campesinos, proletarios i artesanos viles, degradados indignos de ser contados entre los hombre”; e conclui que “en materia de política, de organización social, aquellas tinieblas alcanzan a oscurecer la mente de los sabios, de los banqueros i de los nobles”. Os Estados Unidos, em contraste, seriam um país onde

veinte millones de hombres que saben lo bastante, leen diariamente lo necesario para tener em ejercicio su razon, sus pasiones públicas o políticas; que tienen que comer i vestir, que en la pobreza mantienen esperanzas fundadas, realizables de un porvenir feliz

²²⁰ Op. cit., p. 331.

²²¹ Ibid., p. 333.

[...] que discuten sin cesar sobre intereses públicos que los ajitan vivamente, que se sienten legisladores i artífices de la prosperidade nacional²²² ;

Legisladores e artífices; ou homens educados e preparados para a ação. É esse o momento em que a idéia da construção de uma nação, quase que totalmente despreendida da noção de determinismo imposto pela natureza, aparece com clareza no seu discurso. A ruptura com o paradigma civilizacional europeu, e o deslocamento deste para a os Estados Unidos, é fator fundamental para dar uma nova dimensão, ainda mais poderosa e autônoma, ao seu projeto de nação e civilização, agora ainda mais independente do meio e da Providência, e capaz de forjar um povo “melhor” e “civilizado” a partir da população já existente.

Pelo estudo realizado até aqui, é seguro estabelecer que ao menos desde *Viajes*, conforme afirma William Katra, “his abstract idea of civilization fortuitously found a new, more deserving model, and its prophet was able to take out a new lease on life”²²³. Dentro deste modelo, um aspecto fundamental para Sarmiento era exatamente a educação – tratada como eixo da racionalização e do desenvolvimento da sociedade civil norte-americana, e que ele idealizava reproduzir em seu país. A partir da educação, seria possível “converter e cultivar almas e corpos humanos” de modo a consolidar uma população preparada para habitar e construir uma República.

A educação popular seria justamente a base sobre a qual esse novo modelo, inspirado nos Estados Unidos, deveria ser assentado; e passava a ser, para Sarmiento, o principal instrumento através do qual o Estado deveria agir para garantir a “ordem” e dessa forma “moldar o cidadão” – em detrimento do seu braço policialesco. Isso é o que faz Halperín Donghi afirmar que “La imagen del progreso económico que madura en Sarmiento, porque es más compleja que la de Alberdi, postula un cambio de la sociedad en su conjunto, no como resultado final y justificación póstuma de esse progreso, sino como condición para él”²²⁴; ainda que o mesmo autor deixe claro que Sarmiento mantém claramente a noção típica de sua geração, sobre quem seriam os responsáveis por “dirigir” essas mudanças na realidade nacional.

²²² Ibid., p. 334.

²²³ KATRA, William., op. cit., p. 74.

²²⁴ Ibid., p. 67.

Essa comparação é acertada, pois, como veremos mais adiante, Alberdi acredita numa civilização que seria quase que induzida pela indústria de maneira autossuficiente. Para ele, “a educação de fato” seria “a educação por meio das coisas”, realizada, sobretudo pela influência dos bons hábitos industriais, e de maneira a menosprezar o que distingue como “instrução”, ou seja, a educação formalizada, que teria o sistema público educacional – tão valorizado por Sarmiento – como maior expoente. Este último, por sua vez, prevê a necessidade de educar as massas nos dois sentidos; pois se como Alberdi, ele enxerga na indústria, nos hábitos dos imigrantes e em todo o desenvolvimento material que defende um vetor de polimento que permitiria a civilização; prevê também a necessidade de formar cidadãos suficientemente preparados para a construção dessa civilização, transformando a própria sociedade para operar nesse mesmo sentido. É claro que essas diferenças na maneira de pensar e propor a educação se relacionam com aquela distinção, que estabelecemos entre os conceitos de “liberdade” dos dois autores.

É necessário abrir parênteses para deixar claro que apesar do tratamento comum à Sarmiento como “grande republicano”, ou “grande democrata” se basear exatamente na sua defesa da educação, fica evidente em *Viajes* um viés extremamente conservador do seu discurso. Naquela obra, a educação é tratada como o instrumento básico para garantir a ordem, que aparece como condição *sine qua non* para a democratização e descentralização política; assim como em *De la educación popular (1846)*, onde Sarmiento chega a comparar o papel da educação pública com a função do exército de garantir a estabilidade social. Vale ressaltar que esse discurso é coerente com a idéia defendida não só pelo próprio Sarmiento, como também por toda a geração romântica argentina, pois

[...] the renovation they prescribed would be possible only if an educated elite were able to supplant the popular caudillos in the positions of authority at all social levels. They distrusted the masses. They were convinced that it was the attempt of the old unitarians of the previous generation to establish a kind of equality within a radically democratic political order that led to the discussion of authority and, later, to civil war²²⁵.

Nesse sentido, podemos pensar um desdobramento a mais da expressão *deseos desordenados*, para além da dupla perspectiva que envolve a crença de

²²⁵ Ibid., p. 80.

Sarmiento, primeiro, em um caminho natural rumo à civilização, e segundo, que aponta para a necessidade do equilíbrio dos interesses na região do Prata para possibilitar ou acelerar essa marcha. Refiro-me exatamente à clara permanência no seu conceito de civilização, de uma carga semântica relacionada à imperiosidade da imposição da ordem, entendida como pré-condição para que uma sociedade lograsse alcançar a civilização. Na educação popular que ele propõe, a rotina escolar é tratada como crucial para o desenvolvimento de hábitos regulares, capazes de moldar o espírito à noção de uma autoridade fora do círculo familiar. Mais do que ao professor, aquele cidadão em formação estaria aprendendo a se submeter à autoridade do Estado e de seus líderes, prevenindo que interesses nocivos à sociedade projetada pudessem aflorar e ameaçar a ordem imposta.

Raciocínio semelhante, porém com atenção especial ao contexto de um capitalismo expansivo e dinâmico, demonstra Halperín Donghi em *Una Nación para el Desierto Argentino*²²⁶. Naquela obra clássica, ele ressalta a presença de “un eco de la tradición borbónica que asignaba al Estado papel decisivo en la definición de los objetivos de cambio económico-social y también un control preciso de los procesos orientados a lograr esos objetivos”²²⁷; logo, no processo de inserção da Argentina à economia capitalista mundial, o Estado deveria operar como ator fundamental em meio as drásticas transformações econômicas e sociais. Segundo Halperín Donghi, Sarmiento acreditava que aquele processo – sentido por ele e seus contemporâneos como acelerado – deveria ser controlado por um Estado mais ativo.

A partir de *Viajes* essa visão se consolida, certamente por influência da experiência de visitar outras áreas marginais do mercado mundial, fato que o teria levado a perceber que a harmonia pregada pelo discurso do liberalismo econômico europeu não se repetia na realidade – ainda que não apareça em seus escritos qualquer negação explícita da teoria da divisão internacional do trabalho; tal percepção teria sido ainda mais aguda em função das convulsões sociais que marcavam a Europa à época de sua visita (entre 1845 e 1847), e que ele não se furtou a comentar, mostrando-se impressionado e descrente com um modelo de

²²⁶ Cf. HALPERIN DONGHI, Tulio. *Una Nación para el Desierto Argentino.*, op. cit.

²²⁷ *Ibid.*, p. 50.

Estado que passava a ser visto como incapaz de garantir a ordem e o polimento necessários à civilização da Região do Prata²²⁸. A crise européia deflagrada em 1848, argumenta Halperín Donghi, teria levado Sarmiento a se distanciar ainda mais do modelo francês; pois com o desenlace da revolução em um modelo autoritário – como veremos ainda aceito em parte por Alberdi – Sarmiento deduziria que “lo más urgente era que Hispanoamérica hallase la manera de no encerrarse en el laberinto del que Francia no había logrado salir desde su gran revolución”²²⁹. O modelo que as decepções experimentadas em *Viajes* levaram-no a perceber como falido, deveria ser substituído por outro caracterizado pela originalidade de “una nueva sociedad y una nueva civilización basadas en la plena integración del mercado nacional”²³⁰.

3.5. Ação, utopia e os meios para ordenar os *deseos desordenados*

Vimos que as mudanças conceituais no discurso de Sarmiento, cuja história buscou-se reconstruir aqui – e o deslocamento do paradigma civilizacional para os Estados Unidos cumpre papel fundamental nesse conjunto – permitiram um alargamento do horizonte de expectativas, e uma expansão considerável do espaço para a ação, que coincide com a publicação de *Argirópolis* em 1850. Se alguns pontos já estavam presentes desde *Facundo*²³¹ e as ressignificações presentes em *Viajes* já dão pistas sobre a elaboração de um novo curso de diagnóstico e ação, é em *Argirópolis* que Sarmiento iria desenvolver sob uma forma mais marcadamente propositiva – apresentando até mesmo pontos específicos – um projeto civilizatório para a futura nação argentina.

Perceberemos que o discurso republicano de Sarmiento mantinha continuidades e apresentava rupturas com relação ao uso do conceito de *república*, desde que este passou a significar a possibilidade de uma forma de

²²⁸ Lembrando que Paris, uma das cidades que aparecem em seu discurso como estagnada em civilização, não havia ainda experimentado uma industrialização comparável a Londres àquela altura.

²²⁹ Ibid., p. 65.

²³⁰ Ibid., p. 66.

²³¹ Cf. SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo*., op. cit. Ver especialmente o capítulo *Presente y porvenir*, onde Sarmiento explicita alguns pontos sobre os quais um *novo governo* deveria se debruçar tão logo assumisse o poder, a livre-navegação e a educação pública, por exemplo.

governo alternativa à monarquia²³². A partir da influência norte-americana, várias novidades passariam a fundamentar o seu discurso e a ressignificar o seu conceito de república; a primeira que abordaremos aqui é a dos *municípios* que – na concepção de Sarmiento – funcionariam como a unidade mínima, capaz de servir como suporte ao desenvolvimento daquela forma de governo. Se desde *Facundo*, Sarmiento assinala sob o tom de lei universal que todas as forças e instituições relacionadas à “civilização” estariam concentradas na cidade – e seriam inexistentes nos campos, onde, como na Idade Média, reinaria a vida em relativo isolamento –; após a passagem pelos Estados Unidos essa visão sofre torsões consideráveis. A ênfase de Sarmiento se desloca das grandes cidades em seu sentido mais iluminista, como irradiadoras de civilização e progresso – basta lembrar o tanto de miséria e ameaças revolucionárias que percebeu nas cidades européias – e a antinomia mais característica do seu discurso em *Facundo*, aquela entre o campo argentino e a cidade européia, perde importância à medida que as “towns e villages” norte-americanas passam a ser consideradas fontes do progresso²³³.

Seguindo o que defende William Katra em relação à última questão discutida, penso ser importante ressaltar que essa e outras mudanças nos elementos que formam o discurso de Sarmiento não dependeram exclusivamente de sua experiência *in loco* nos Estados Unidos. Já mencionei anteriormente o pouco tempo que ele passou no país, e também a influência de Tocqueville e mesmo de autores norte-americanos, que precede a sua viagem. Esse olhar certamente se relaciona ainda com mitos que ainda resistiam às mudanças bruscas que ocorriam naquele país durante o que se convencionou chamar de *Era Jackson*. A noção de que o homem público ideal seria um produtor agrícola é exemplo do tipo de mito que era enfraquecido por uma nova dinâmica de progresso centrado na expansão da indústria e de um tipo de capitalismo que arrasava o sonho de Thomas Jefferson – aquele de uma nação que se desenvolveria não através de mercadores, mas sim pela virtude de pequenos proprietários agrícolas e suas *commodities*.

²³² Ver DI MEGLIO, Gabriel. *República*, p. 146. In: GOLDMAN, Noemí (org.). **Lenguaje y revolución**: conceptos políticos clave en el Río de la Plata, 1780-1850. p. 145 -58.

²³³ KATRA, William., op. cit., p. 88 passim.

Mesmo na Europa, a nostalgia resultante do avanço da lógica capitalista e da expansão dos centros urbanos já alimentava a desconfiança quanto às promessas do progresso, evidente nos socialistas utópicos, notável influência para a própria *Geração de 1837* – cabe lembrar que no início do próprio *Viajes*, Sarmiento dedica algumas páginas a comentar o pensamento de Charles Fourier. A influência de Rousseau é também evidente; afinal para este a cidade grande também era uma ameaça para a virtude; conforme visto anteriormente²³⁴, ele condenava esse tipo de progresso tão bem representado na imponência e na dinâmica das metrópoles. Cabe lembrar a dupla crítica radical que aparece nos *Discursos*²³⁵, que se apresenta em sintonia com sua noção de progresso; pois ali há uma crítica tanto à opressão das forças do passado – monarquia, aristocracia, Igreja – quanto às novas opressões burguesas. Esses dois conjuntos de opressões seriam – é claro – parte do progresso humano irracional criticado por ele; a burguesia e a indústria capitaneariam a forma incipiente de desigualdade para qual aponta um progresso montado fora do terreno da razão, sob os auspícios da irracionalidade e da inconsciência.

A inspiração do romantismo de Rousseau, dos socialistas utópicos e dos mitos nostálgicos – em alta com os norte-americanos durante a sanha industrial da *Era Jackson* – certamente contribuiriam para que Sarmiento percebesse as *towns* e *villages* nos Estados Unidos como verdadeiros “protótipos de uma sociedade civilizada”²³⁶, e para que a partir delas, fizesse do *município* a base ideal do projeto civilizatório que propunha. O historiador Alejandro Herrero – apoiando-se na interpretação de Natalio Botana – ressalta que Sarmiento

Estados Unidos. De esta manera, cada familia (inmigrantes europeos, desarrollando una civilización agrícola y no ganadera), en su trabajo diario promovería el progreso general, serían consumidores del mercado nacional que ayudarían a construir, y por otra parte, la escuela daría a sus hijos los conocimientos necesarios para convertirlos en ciudadanos y trabajadores²³⁷.

²³⁴ Cf. Introdução.

²³⁵ Cf. ROUSSEAU, Jean Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*.

²³⁵ KATRA, William., op. cit., p. 9.

²³⁵ HERRERO, Alejandro. *Ideas para una Republica.*, op. cit., p. 155.

²³⁶ KATRA, William., op. cit., p. 9.

²³⁷ HERRERO, Alejandro. *Ideas para una Republica.*, op. cit., p. 155.

Em *Argirópolis*, Sarmiento defende a primazia dos municípios, das províncias desenvolvidas e equilibradas, para que as trocas pudessem ser justas e os benefícios mútuos. Buenos Aires não poderia seguir exercendo o monopólio da tarefa de irradiar a civilização, até porque o que ocorreria na prática era a sua “tirania urbana” sobre o resto do país, e a sua mesquinhez econômica, que serviria de obstáculo para a disseminação do desenvolvimento pelo território argentino. Para ele, as cidades nos Estados Unidos seriam

más populosas y más comerciantes, Boston, Halifax, Salem, Nueva York, Baltimore, Filadelfia, están situadas todas sobre una misma costa en un espacio de menos de 40 leguas, y entre estos pueblos comerciantes la pequeña ciudad de Salem tiene mayor riqueza, en proporción, de sus habitantes, que ciudad ninguna de la tierra. El comercio se estimula a sí mismo, y la riqueza y variedad de los mercados sometidos a su especulación son el elemento de su prosperidad²³⁸.

A vida municipal deveria ser estimulada em todas as províncias. Isso é o que explica a sua atenção para a necessidade da nacionalização do Departamento Topográfico, órgão visto por ele como fundamental para o conhecimento do território, pelo qual poderia tornar as terras produtivas, planejar a ocupação e o uso destas pelos imigrantes e desenvolver o interior da República – mais ou menos o que os engenheiros do governo de Washington já faziam nos Estados Unidos:

Correspondería al Departamento Topográfico Nacional proceder a la mensura y enajenación de las tierras baldías cultivables en diversos puntos de la República, a fin de que los emigrantes que lleguen de Europa sepan adonde dirigirse, y no se acumulen en las costas por la incertidumbre y el temor de aventurarse a ciegas en un país desconocido. El interior debe hacerse viable para la emigración, y una cadena de casas de posta desde Buenos Aires a Mendoza y Tucumán asegurar el tránsito de los caminantes a pie.

A reinterpretação do papel histórico das grandes cidades favorece a visão de que Buenos Aires – e os monopólios que exercia – atrapalhava o consenso entre as províncias e impediam que o progresso se difundisse pelo resto do território. Não é por acaso que Sarmiento atenta, em *Argirópolis*, para o fato de que na história da República e da Confederação Argentina, nunca uma capital fora reconhecida. Já no Tratado Quadrilátero – citado anteriormente – a escolha de Santa Fe, como o lugar onde deveria se reunir a comissão quando houvesse paz suficiente para possibilitar a elaboração da constituição, evidencia o receio das

²³⁸ SARMIENTO, Domingo Faustino., *Argirópolis*., op. cit., p. 57.

províncias em relação à influência de Buenos Aires. Tal temor estaria sendo fortalecido pela circunstância daquela cidade ser a residência do Encarregado dos Negócios Exteriores. A solução que Sarmiento propõe seria a reunião do congresso geral em um local onde todas as opiniões se encontrassem em completa liberdade e todos os interesses fossem respeitados. Sugere a ilha de Martín García, onde lembra – buscando justificar a escolha – terem sido firmados importantes acordos amigáveis entre as coroas da Espanha e de Portugal que colocaram fim a conflitos como aqueles que estavam ocorrendo.

Situada na confluência dos dois grandes rios e objeto de interesse tanto de Buenos Aires, quanto das outras províncias do litoral, de Montevideu e do Paraguai, aquela ilha, se ocupada pelo congresso, estaria ocupada simultaneamente por todas as partes interessadas, eliminando de imediato a ameaça de esta ser devolvida a Buenos Aires; afinal, era forte o temor de que se isto ocorresse, a liberdade comercial das outras regiões seria comprometida. Àquela altura em posse da França, a ilha estaria circunstancialmente fora do espectro de influência dos governos das províncias argentinas e serviria de capital permanente da União pretendida em razão de sua posição geográfica privilegiada, que fazia dela o centro administrativo e comercial indispensável para garantir a reciprocidade das vantagens entre os Estados. A “Grande Federação dos Estados Unidos” – afirma Sarmiento – teria enfrentado o mesmo tipo de dificuldade em relação à escolha de uma capital²³⁹. A solução que os norte-americanos teriam encontrado, ou seja, a escolha de Washington como capital, ao invés de Nova York – a cidade mais rica e mais populosa – surge como inspiração, através da comparação desta com Buenos Aires partindo do princípio da influência de ambas.

Alguns anos mais tarde, em *Comentarios de la Constitución de la Confederación Argentina*, Sarmiento usa de vasta documentação – que havia recolhido durante a viagem aos Estados Unidos, mas que não tivera tempo de analisar à época de *Viajes* – para valorizar novamente a municipalidade norte-americana. Lá, escreve que a

²³⁹ Ibid., p. 40.

Municipalidad es la sociedad en relación al suelo, es la tierra, las casas, las calles y las familias consideradas como una sola cosa. Todo lo que se liga, pues, a la localidad en que residimos es municipal. La Municipalidad es la más antigua y la más persistente de las organizaciones sociales.

E mais, que

La base de todas las libertades en los Estados Unidos está en la municipalidad; cada aldea posee un gobierno completo, un sistema de instituciones propias, o de autoridades que de nadie dependen; y el condado, el Estado, el gobierno federal mismo se entienden con ellas, y a ellas confían la ejecución de las leyes de la legislatura provincial o del Congreso federal.²⁴⁰

Para Sarmiento, a desagregação da população nas “campanhas” impediu que a municipalidade estabelecesse raízes profundas na América. Desde a época colonial, o estado de guerra contínuo teria subordinado os possíveis sentimentos municipais aos poderes militares e aos agentes da coroa. O sistema econômico baseado na criação de gado em grandes extensões de terra seria “antípoda” a existência de municípios na campanha: “los habitantes no pueden ayudarse y acorrerse entre sí, que es el objeto y el instinto del espíritu municipal. La organización municipal supone reunión de familias, intereses locales comunes a muchas personas”. Esta organização é francamente inspirada nos Estados Unidos, o que Sarmiento justifica afirmando que

No teniendo nosotros facultad inventiva en materias tan delicadas, y hallándose nuestros pueblos en situaciones idénticas a las que nos prestan el mecanismo de nuestras instituciones federales, hemos debido acudir a las fuentes vivas de la municipalidad para ver como sirve a los fines de la organización federal, sin chocarse con el sistema representativo y sirviéndolas de base por el contrario.²⁴¹

É evidente que essa questão dos municípios é inseparável de outros elementos, fundamentais para a compreensão do seu projeto civilizatório. A defesa de uma “ação pública ativa, localizada nos municípios e nas províncias, como meio para corrigir os destinos de uma república federal destituída de valores”²⁴², passará necessariamente pela imigração, elemento crucial no tipo de “civilização” que defendia. Nesse sentido, de maneira retórica, coloca a questão em *Argirópolis*:

²⁴⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino., *Comentarios de la Constitución de la Confederación Argentina*, p. 46.

²⁴¹ *Ibid.*, p. 51.

²⁴² MÄDER, Maria Elisa de Sá., *op. cit.*, p. 87.

¿Por medio de qué prodigio, pues, podría un gobierno acelerar la obra del tiempo y mejorar a la vez la condición inteligente, industrial y productiva de la población actual? [...] La emigración europea responde a todas estas cuestiones. Hágase de la República Argentina la patria de todos los hombres que vengan de Europa; déjeseles en libertad de obrar y de mezclarse con nuestra población, tomando parte en nuestros trabajos, disfrutando de nuestras ventajas. Esto es lo que sucede hoy en Norte América, que tenía três millones de habitantes cuando se hizo independiente, y cuenta hoy veinticinco; que se componía sólo de trece Estados, y hoy se compone de veintiocho, entre los cuales hay muchos poblados casi exclusivamente por los emigrantes.²⁴³

A proposta era que a República Argentina seguisse o exemplo bem sucedido dos Estados Unidos na importação de imigrantes europeus que deveriam se espalhar pelo território quase deserto e ajudar o Estado na criação de laços sociais, e na disseminação de costumes adequados à indústria e à civilização, para assim melhorar a sociedade.

Mas ao contrário do que pensava Alberdi, para Sarmiento fazia-se necessário nacionalizar o imigrante. Uma das chaves possíveis para explicar tal distinção pode estar no fato de que o sucesso norte-americano é estudado por Sarmiento fora de uma perspectiva determinista. Vimos que já em *Viajes*, ao comparar o desenvolvimento dos Estados Unidos com o atraso do Canadá, ele evidencia a insuficiência de uma explicação racial para aquele sucesso. Assim, quando afirma em *Argirópolis*, que “La dignidad y posición futura de la raza española en el Atlántico exige que se presente ante las naciones en un cuerpo de nación que un día rivalice en poder y en progreso con la raza sajona del Norte [...]”²⁴⁴, aponta para a necessidade de uma superação da distância entre as duas sociedades, considerando intrinsecamente a possibilidade de uma “melhora” daquela primeira.

Se não é a raça anglo-saxã o que explica o grande desenvolvimento norte-americano, será no homem, ou mais especificamente no gênio norte-americano, que Sarmiento irá fundamentar a sua explicação. Diferente de Alberdi que – conforme vimos anteriormente²⁴⁵ – preconizava uma espécie de “revolução conservadora do transplante”²⁴⁶, valorizando o potencial de civilização pelo “contágio” contido na imigração, Sarmiento insistia na necessidade de se preparar os homens.

²⁴³ SARMIENTO, Domingo Faustino., *Argirópolis*., op. cit., p. 89.

²⁴⁴ *Ibid.*, p. 66.

²⁴⁵ *Ibid.*, p. 48.

²⁴⁶ Cf. BOTANA, Natalio. op., cit., p. 293.

O tipo de república que ele projetava, requeria uma população reunida em pequenas localidades homogeneamente urbanizadas; assim, o “município” norte-americano é concebido por Sarmiento como o lugar onde os homens seriam idealmente trabalhados e melhorados pela pressão da própria sociedade, mas também pela ação do Estado – sobretudo através da educação pública. Através dessa apropriação do papel que teriam os municípios na república norte-americana – tratados como essenciais para o povoamento daquele vasto território –, Sarmiento acreditou ser possível aplicar esse modelo ao caso argentino, e assim forjar as características e comportamentos, que além da igualdade, seriam indispensáveis a uma população como aquela que Sarmiento projetava civilizar.

Os personagens do cotidiano que Sarmiento descreve em *Viajes* expressariam características próprias do povo norte-americano. De certa forma ficcionalizando o que experimentara durante a sua estadia nos Estados Unidos, Sarmiento se reporta em vários trechos a características superficiais daquele povo, claramente sob o intuito de formalizar uma espécie de “espírito norte-americano”, cujas características – favoráveis à civilização – seriam aquelas que gostaria de enxergar também nos homens da nação projetada por ele. Elías Palti afirma que os norte-americanos são representados como “seres anónimos, sin historia, pero que son la base y la condición de posibilidad de todo el desenvolvimiento histórico”²⁴⁷.

A idéia de Sarmiento sobre a possibilidade de aperfeiçoamento dos homens e da sociedade – quem para Halperín Donghi “postula un cambio de la sociedad en su conjunto, no como resultado final y justificación póstuma de ese progreso, sino como condición para él”²⁴⁸ – foi influenciada decisivamente naquele momento pelo modelo dos Estados Unidos; conforme já analisamos, ele acreditava que os municípios funcionavam como instituições dotadas de relativa soberania e que eram capazes de estender e difundir a civilização por toda a população – em uma relação mais saudável no longo prazo do que a vigente na Europa – e suas grandes cidades – cujo modelo estaria suprimindo perigosamente a soberania política dos indivíduos totalmente submetidos e tutelados seguindo os impulsos do Estado.

²⁴⁷ PALTÍ, Elías., op. cit., p. 73.

²⁴⁸ HALPERIN DONGHI, Tulio., *Una nación para el desierto argentino.*, op. cit., p. 67.

O estado das coisas na Confederação Argentina, à época do fim do governo Rosas, era certamente visto como bem distante do ideal de uma nação habitada por uma população preparada para semear e cultivar a civilização. O analfabetismo do conjunto de estrangeiros dimensionado no censo de 1855, por exemplo, ultrapassava os 50%²⁴⁹. Para reverter esse tipo de obstáculo à civilização, somente educando os cidadãos através de um projeto capaz de integrá-los e “nacionalizá-los” – e aqui me refiro tanto aos imigrantes quanto aos próprios habitantes cujos espíritos ainda não haviam sido moldados segundo demandava o seu projeto. Nesse sentido deveriam atuar por um lado a indústria – um ponto em comum com Alberdi – e por outro o próprio Estado, garantindo a educação pública. Com a aplicação do projeto de Argirópolis, “El pueblo [...] sería una pepinera de navegantes intrépidos, de industriales laboriosos, de hombres desenvueltos y familiarizados con todos los usos y medios de acción que hacen a los norteamericanos tan superiores a los pueblos de la América del Sur”²⁵⁰.

À parte os já mencionados aspectos conservadores do projeto educacional de Sarmiento, é notória a sua inspiração nas ambições de igualdade, ainda que não radicais, de Horace Mann. Em um dos relatórios anuais, nos quais discutia as implicações da educação numa democracia, Mann argumenta que

According to the European theory, men are divided into classes, – some to toil and earn, others to seize and enjoy. According to the Massachusetts theory, all are to have an equal chance for earning, and equal security in the enjoyment of what they earn. The latter tends to equality of condition; the former, to the grossest inequalities. [...] The European theory is blind to what constitutes the highest glory as well as the highest duty of a State.²⁵¹

Em seguida, ao chamar a atenção para o intenso desenvolvimento industrial e operações de comércio que ocorriam no seu estado, e o expunham aos riscos da contradição entre o aumento da riqueza e proliferação da pobreza, Mann diz que “nothing but universal education can counterwork this tendency to the domination of capital and the servility of labor”²⁵². A educação, “mais que todos os instrumentos de origem humana”, seria “o grande equalizador da condição dos

²⁴⁹ Cf. DEVOTO, Fernando., *Historia de la inmigración en la Argentina*, p. 218.

²⁵⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino., *Argirópolis.*, op. cit., p. 73.

²⁵¹ MANN, Horace. *Twelfth Annual Reporto of Horace Mann as a Secretary of Massachusetts State Board of Education (1848)*, p. 317. In: COMMAGER, Henry Steele. **Documents of American history**. p. 317 -318.

²⁵² *Ibid.*, p. 318.

homens – o ponto de equilíbrio do maquinário social”, e se “difundida igualmente, traria a propriedade como consequência pela mais poderosa de todas as atrações”²⁵³.

Esse discurso tem proximidades evidentes ao de Sarmiento, seja pela questão da rejeição de um modelo civilizacional europeu, que para ambos seria sustentado pela tutela do Estado sobre os indivíduos; seja na louvação da igualdade como pré-condição para a civilização e ordenadora do progresso, afinal para Mann, melhor que eliminar a hostilidade do pobre contra o rico, seria prevenir a pobreza: “A educação previne tanto a vingança, quanto a loucura”²⁵⁴. Além do apreço pela manutenção da ordem, Sarmiento certamente se inspirou também na expansão dos sentimentos sociais e na obliteração de qualquer facciosismo, desdobramentos que Mann atribuía a disseminação da educação. Pensando a nação argentina percebida por Sarmiento como um verdadeiro deserto de sociabilidade e dominada por ódios entre as províncias, se torna ainda mais compreensível o poder de atração que o discurso de Mann exercia sobre ele.

O modelo de uma civilização inspirado pela república norte-americana, que deveria ser erguida sobre os municípios, a imigração e a educação, certamente contribuiu para que Sarmiento se distanciasse ainda mais de uma visão dos caudilhos como os grandes responsáveis pela dominação imposta pela barbárie²⁵⁵, e da idéia de que o poder de Rosas pudesse por si só modificar a realidade. Nesse sentido, o seu discurso passa a considerar uma cadeia mais complexa de fatores que impediriam a civilização daquela nação, tais quais o deserto inabitado, a economia centrada na “ganadería”, e a pobreza, servidão e desigualdade dos campos argentinos.

A forma republicana que projetava a partir dos Estados Unidos envolve também a definição do *federalismo*, inspirado na invenção norte-americana, como sistema de governo. Durante todo o texto de *Argirópolis*, Sarmiento utiliza o

²⁵⁴ Ibid., p. 318.

²⁵⁵ Questão já trabalhada no início deste capítulo, quando tentamos mostrar que nem mesmo em *Facundo* a dicotomia civilização e barbárie seria tão rígida, e que a dinâmica presente em seu discurso torna mais complexa e aumenta as nuances na esquematização de Rosas e dos caudilhos como simples “desvios” no curso da história argentina.

termo “confederação” para se referir ao governo de Rosas. Ainda que a alcunha “federais” servisse para todos aqueles que se opunham ao monarquismo ou ao unitarismo, para ele não existiria uma “federação” argentina, pois o governo Rosas – a exemplo do período rivadaviano – seria formado, na prática, por um conjunto de Estados independentes e soberanos²⁵⁶. Para além da discussão sobre a confusão entre os conceitos federação/confederação comum à historiografia argentina²⁵⁷, é fundamental apontar que claramente, para Sarmiento, não chegou a existir sob o governo Rosas um conjunto de províncias interdependentes formando uma nação, e o sintoma maior detectado em *Argirópolis* dessa fragilidade institucional – conforme já expusemos – seria a ausência de uma constituição.

Diferente de Alberdi que – tanto em *Bases y puntos*, quanto no seu projeto constitucional propriamente dito – optou pelo termo “Confederación Argentina”, herdado do rosismo, Sarmiento, mesmo antes da queda daquele regime já sinalizava a sua preferência por “federação” para a organização nacional ideal que projetava. Mais tarde, em *Comentarios de la constitución*, obra escrita logo após a queda de Rosas, ele confirmaria a preferência por aquele termo, espelhado na invenção norte-americana, assinalando a contradição “entre el nombre y el objeto designado y para ello recurre al caso de los Estados Unidos y a los escritos del Juez [Joseph] Story sobre las diferencias entre los Artículos de confederación de 1781 y la Constitución de 1787”²⁵⁸. Assim, “confederação” faria parte de um vocabulário político próprio de outro momento da história argentina, que precisaria ser superado justamente por uma constituição capaz de construir um Estado nacional federal, e afastar os ecos de desorganização e fragilidade institucional, legados da confederação rosista.

A aparição do Estado federal norte-americano, com a Constituição da Filadélfia, foi, portanto, crucial para a compreensão do federalismo conforme

²⁵⁶ MÄDER, Maria Elisa Noronha de Sá. *Civilização e Barbárie: a representação da nação nos textos de Sarmiento e do Visconde do Uruguai*, op. cit., p. 82.

²⁵⁷ Conforme apresentado no Capítulo 1, Chieramonte chama a atenção, por exemplo, para o uso pelos historiadores do conceito de “confederação” associado diretamente às províncias, quando a teoria política da época restringia o seu uso a união entre Estados independentes. Outro exemplo de uso inapropriado é o deslocamento de sentido da expressão “federalismo”, referida usualmente a fenômenos de dissociação política, quando no léxico político do qual deriva aparece, ao contrário, associada a processos de unificação.

²⁵⁸ SOUTO, Nora. *Unión/Federación*, op. cit., p. 190.

seria significado dali em diante – a historiadora Maria Elisa Mäder lembra que mesmo em *O Federalista*, o termo ainda era utilizado para se referir a forma confederativa, sendo que a solução que propunham, e que hoje se denomina federalismo, era expressada como “governo nacional” ou “Estado consolidado”. O presidencialismo norte-americano – que encerrava, na expressão de Natalio Botana, “a monarquização do Poder Executivo” – e a justaposição entre uma soberania nacional e as soberanias dos estados que apresentava como solução, caracteriza a invenção de um significado de “federalismo” no qual Sarmiento iria se inspirar para imprimir novos significados ao conceito ao longo dos debates sobre nação e civilização do período aqui estudado.

Em *Argirópolis*, é notável o seu esforço em questionar a relevância da querela entre unitários e federais; para ele “La naturaleza del país y la colocación recíproca de las provincias indican cuáles deben ser sus relaciones. La voluntad nacional, la violencia, los hechos han dado al Estado la forma federal”²⁵⁹. Para Sarmiento, não há dúvida, naquele momento, sobre a necessidade de romper definitivamente com as concepções dos antigos unitários do tempo de Bernardino Rivadavia e de aceitar o federalismo como instrumento de unidade nacional e conciliação entre aquelas duas tendências do passado. Por isso, apoiando-se mais uma vez na história constitucional do país para legitimar as suas propostas, relembra as funções deliberadas no Tratado Quadrilátero de 1831, e propõe que o congresso deveria ser reunido para regulamentar a administração geral do país sob o sistema federal.

A ressignificação que tentará realizar no conceito, para utilizá-lo no seu projeto de civilização, será radicalmente pautada pela invenção norte-americana, conforme percebemos na sua justificativa também em *Argirópolis*:

En cuanto al mecanismo federal, no hay otra regla que seguir por ahora que la constitución de los Estados Unidos. ¿Queremos ser federales? Seámoslo al menos como lo son los únicos pueblos que tienen esta forma de gobierno. ¿Queríamos, acaso, inventar otra forma federal desconocida hasta hoy en la tierra?²⁶⁰

Quando indaga retoricamente se há “en la Confederación Argentina una constitución federal, federalíssima, que deslinde los poderes de los gobernantes,

²⁵⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino., *Argirópolis*, p. 101.

²⁶⁰ *Ibid.*, p. 102.

reconozca los derechos de los gobernados y les indique sus obligaciones?” e responde ele mesmo que “No, esa constitución no existe”²⁶¹, Sarminento está exatamente buscando ratificar a inexistência de uma federação *de fato*, ou melhor, com esse sentido que ele imprime inspirado pelas invenções através das quais os norte-americanos ressignificam o conceito.

Tentando ir além do que expusemos anteriormente ao tratar da alteração na crítica de Sarmiento ao governo Rosas, pode-se perceber no discurso de Sarmiento em *Argirópolis*, uma reavaliação da responsabilidade de Rosas pelo fracasso civilizacional argentino. Quando faz mais uma pergunta retórica –

Quién es el jefe de esta República sin cabeza, sin ley, sin forma, de esta Confederación que no está federada por vínculo ninguno, y que sólo reconoce por representación, por ley, constitución, la voluntad omnipotente, irresponsable, de un simple encargado provisório de las relaciones exteriores?²⁶²

– Sarmiento não está condicionando a barbárie e o facciosismo à ação de Rosas, mas sim a ausência de vínculos formais, institucionalizados, cuja criação ele julgava urgente e extremamente dependente da elaboração de uma constituição, que agora sabemos, deveria apresentar como um de seus elementos mais importantes o federalismo conforme ressignificado pelos Estados Unidos.

O discurso republicano de Sarmiento segue o sentido que o historiador Gabriel Di Meglio indica ter percorrido o conceito de *república* durante toda a primeira metade do século XIX: ao mesmo tempo em significaria uma forma de governo, representaria também um ideal de virtude cívica. Di Meglio relembra a valorização da Roma republicana – que lembro, é evidente em todas as obras de Sarmiento do período e inclusive estabelecem certa comparação desta com os Estados Unidos – para reforçar este conceito como “un elemento discursivo altamente valorativo”. Esse tipo de noção moral não representa uma novidade, afinal desde antes de 1810 estava presente no vocabulário político “el sentido colonial del *bien de la república*, la causa común”. A novidade seria a associação progressivamente mais intensa “entre esa república ideal y la posibilidad de una efectiva forma de gobierno republicana”²⁶³. A ressignificação inspirada pela República norte-americana favorece essa possibilidade e, ainda que o termo siga

²⁶¹ Ibid., p.84.

²⁶² Ibid., p. 84.

²⁶³ DI MEGLIO, Gabriel. *República.*, op. cit., p. 148.

tendo certa dimensão moral, “en lo sucesivo su asociación con forma de gobierno iría ganando preeminência en el lenguaje de los argentinos”²⁶⁴.

Sarmiento idealiza a república argentina – no caso de *Argirópolis* vai além projetando uma espécie de república do Prata – como uma comunidade política dotada de instituições capazes de “moldar o cidadão”²⁶⁵. Os Estados Unidos dão ao projeto de Sarmiento a perspectiva da ação tanto do Estado quanto da sociedade civil atuando para desenvolver a indústria, simultaneamente melhorar a sociedade, pois esta interdependência seria fundamental para aperfeiçoar a indução à civilização que o progresso material proporcionava. *Argirópolis* dá de fato uma dimensão de projeto a partir desse novo paradigma, a que atribuímos aqui uma importância crucial na possibilidade, cada vez mais admitida de modificar a “natureza” da América Hispânica de maneira mais decisiva. A forma republicana, ressignificada a partir das torsões inspiradas nos Estados Unidos, se torna quase auto-evidente nesse projeto, e a sua presença no discurso de Sarmiento – além da relação com os outros elementos que o constituem – dará sentido ao conceito de civilização de Sarmiento.

A *constituição* que pretende estar imbricada a esse discurso republicano, ou seja, será em larga medida diferente de um momento anterior, quando se referia a um passado por si só legitimador²⁶⁶ – e aí há uma relação direta com a quebra do modelo genético de nação proposta por Palti. Passava a estar embutida no conceito de constituição – conforme já colocado – a possibilidade de agir para mudar a realidade, o que permitiria ao legislador criar, a partir de um poder instituinte, novas soluções e estímulos à civilização. Uma série de lances propositivos bastante específicos perpassam *Argirópolis* – e de certa forma o aproximam da obra *Bases*, escrita por Alberdi apenas dois anos depois – revelando a ânsia de Sarmiento em interferir nos intensos debates sobre qual o melhor projeto de nação e civilização, em cujo seio o tema da representação e da constituição, comum também nos discursos de Alberdi, teve enorme relevância.

²⁶⁴ Ibid., p. 156.

²⁶⁵ Cf. BOTANA, Natalio., op. cit., p. 318.

²⁶⁶ Cf. GOLDMAN, Noemí. *Constitución.*, op. cit., p. 44.

Sarmiento, com clara reverência aos norte-americanos, trata da comunicação entre os Estados e do conjunto de pontos de contato com o comércio exterior. Construídos na forma de canais artificiais e estradas de ferro, teriam feito daquele país “no sólo el Estado más poderoso del mundo, sino que asegura la libertad e independencia de cada Estado de la Unión, respecto a los demás Estados unidos”²⁶⁷. A distribuição da riqueza, do poder e da civilização estaria comprometida na República Argentina em função da ausência de canais de comunicação com o exterior e do uso do porto de Buenos Aires como saída exclusiva ao comércio exterior. O estudo da geografia e da natureza indicaria que, para além das vantagens políticas, tornar a ilha de Martín García a capital da federação ampliaria as vias de comunicação entre as províncias, consolidando o que deveria ser – para Sarmiento – o objetivo de uma Confederação²⁶⁸ – ou seja, “reunir la fuerza colectiva de la nación al provecho y ventaja de cada uno de los Estados asociados”²⁶⁹.

Guardando certa semelhança com os pontos que seriam levantados posteriormente por Alberdi em *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina (1852)*, Sarmiento discorre sobre alguns dos objetivos que o congresso deveria estabelecer para que o país alcançasse a civilização. A necessidade da regulação do comércio interior e exterior surge como fundamental, assim como a navegação, tratada por ele como “el punto culminante de las atribuciones del Congreso”²⁷⁰. Recorrendo mais uma vez à história constitucional, afirma que qualquer tratado celebrado pelo encarregado das relações exteriores sobre a navegação dos rios seria “una invasión sobre las atribuciones del congreso, único que puede estatuir sobre este punto de interés nacional”²⁷¹.

O que Sarmiento defende como lei universal, é que o livre intercâmbio de produtos entre uma cidade e os demais mercados do mundo seria o que

²⁶⁷ SARMIENTO, Domingo Faustino., *Argirópolis.*, op. cit., p. 42.

²⁶⁸ A noção de ordem federal sempre foi imprecisa no rosismo; afinal, como já vimos, Rosas conseguiu exercer um poder baseado numa complexa teia de relações que lhe permitiu controlar os outros governos provinciais, ao mesmo tempo em que seu discurso procurava enfatizar a autonomia de cada província, o que contribuiu para que os termos “Federação” e “Confederação” fossem empregados de maneira muito flexível naqueles anos.

²⁶⁹ *Ibid.*, p. 47.

²⁷⁰ *Ibid.*, p. 52.

²⁷¹ *Ibid.*, p. 53.

promoveria o rápido avanço na escala da civilização, adequando a Argentina à expansão capitalista européia. O monopólio do porto de Buenos Aires, nesse sentido, seria extremamente prejudicial às outras províncias, e caberia ao congresso promover a navegação nos rios do interior e a multiplicação dos pontos de acesso ao exterior. O exemplo dos Estados Unidos e as várias cidades desenvolvidas que coexistem em uma pequena parte do território é utilizado para corroborar as vantagens que a própria cidade de Buenos Aires teria com o desenvolvimento e distribuição da navegação e do movimento comercial pelo restante do território. Os rios Uruguai e Paraguai se transformariam, em veículos de comunicação tão rápidos e extensos como o Ohio e o Mississippi naquele país. A exemplo de Alberdi, Sarmiento parece crer aqui na indústria, no comércio e no capital como agentes ordenadores da sociedade.

Argirópolis, a cidade do Prata, se ergueria legitimada pela lei do progresso, que favoreceria a fusão dos três Estados do Prata em um só corpo. A marcha da espécie humana seria em direção à reunião de grandes grupos, “por razas, por lenguas, por civilizaciones idénticas y análogas”²⁷². Este movimento – que certamente possui relações com a filosofia da história hegeliana – compensaria o fracionamento das repúblicas sul-americanas, após uma independência taxada de anárquica, e responsável por uma condição de inferioridade de forças em relação ao Império do Brasil. Neste processo, Sarmiento clama por um protagonismo da Confederação Argentina, através da utopia que visa recuperar o passado do Vice-Reinado do Prata e projetar Argirópolis como um sonho que poderia repetir o que fora feito pela Califórnia em apenas doze anos, “sin otro auxilio que la voluntad individual contra la naturaleza”²⁷³. Essa projeção pode ser relacionada diretamente com o que Koselleck trata como a metamorfose da utopia em filosofia da história, “in short, the temporalization of utopia”²⁷⁴.

A partir de meados do século XVIII, quando ocorriam diversas mudanças conceptuais sob o impacto do iluminismo e da Revolução Francesa, o conceito de utopia ganhou uma dimensão de futuro que passava a ser inseparável de sua carga semântica. Nesse sentido, o autor passava a ser o artífice de sua própria utopia –

²⁷² Ibid., p. 65.

²⁷³ Ibid., p. 70.

²⁷⁴ KOSELLECK, Reinhart. *The Practice of Conceptual History.*, op. cit., p. 85.

diferente do observador que narrava determinada sociedade tida como perfeita em outro lugar no espaço. A partir do instante em que essa perfeição é deslocada para o futuro, “utopia moves directly in line with the objectives of enlightened philosophers”²⁷⁵. A perfectibilidade – neologismo criado por Rousseau – é incorporada pelas novas utopias centradas no futuro, fazendo delas variações da filosofia do progresso. O autor de utopias assume, nesse processo, o papel de “producer of the coming time, executor of its aptitude for perfection. He is, so to speak, the incarnation of the utopian dimension that inheres within every philosophy of history”²⁷⁶.

Essa nova projeção do conceito de utopia é ao mesmo tempo índice e fator para o modelo linear, voltado para a construção de um futuro inédito, que caracteriza o conceito de civilização em *Argirópolis*, talvez mais que em qualquer outro de seus escritos. Um futuro inédito, mas que Sarmiento faz questão de projetar sobre uma base prática; afinal a ilha de Martín García existia efetivamente no Rio da Prata e, “como espacio vacío estaba abierto a la llegada de habitantes”²⁷⁷.

Justamente por manter certa distância do território, aquela ilha guardaria um caráter de “não-lugar”, o que torna possível estabelecer uma espécie de metáfora com relação a distância que o discurso utópico necessita manter da realidade que quer negar; aqui, ainda que a lembrança da *Utopia* de Thomas More seja natural, é importante ressaltar que esta concepção é própria daquele momento anterior do conceito de utopia, em que a busca de uma realidade alternativa ainda era uma questão espacial; e não temporal, como no caso do projeto de civilização que Sarmiento sonhava aplicar. Ainda que esse projeto fosse planejado para ser construído sobre o “espaço vazio” da ilha de Martín García, aquela seria apenas a base sobre a qual seria construída a civilização imaginada para um futuro próximo.

Além de insistir em demonstrar caminhos práticos, para provar que seria possível realizar aquele projeto, Sarmiento buscou delimitá-lo, tanto no sentido de

²⁷⁵ Ibid., p. 88.

²⁷⁶ Ibid., p. 88.

²⁷⁷ VILLAVICENCIO, Susana. *Argirópolis: Territorio, república y utopia en la fundación de la nación*, p. 3. In: Revista Pilquen, Año II, n. 12, 2010.

atentar para a necessidade da ordenação dos *deseos desordenados* da Região do Prata, quanto no sentido de “restringir” a participação de alguns setores sociais que poderiam representar uma ameaça à utopia de civilizar. Nesse sentido, se acentuava a preocupação, que a partir de 1848 seria crescente, com o controle do ímpeto de setores “não confiáveis” da população. A própria colonização militar em direção ao norte prega uma ocupação do Estado no sentido de expulsar os “bárbaros” indígenas, a fim de promover uma “colonización pacífica”, possibilitando “um verdadeiro povoamento” daquelas áreas controladas por “selvagens”. Nesse sentido, a utopia de Sarmiento é conservadora, pois a preocupação com a manutenção da ordem social interna é elemento fundamental no tipo de processo civilizatório que defende.

O caminho proposto por Sarmiento dependeu das torsões conceptuais como essas que temporalizaram o ideal de perfeição fazendo do conceito de “utopia” uma variante das mudanças semânticas que sofreu principalmente o conceito de “progresso”, além dos outros dos quais tratamos mais brevemente até aqui. Assim como esses outros conceitos, “civilização” – lembrando o que foi já estudado no primeiro capítulo – também passou a carregar consigo uma idéia de processo, ligada a ação temporalizadora da filosofia da história, característica da modernidade. No entanto, “civilização” traz consigo um elemento característico, que é a dimensão de distinção entre diversos estágios civilizatórios.

Conforme foi visto no primeiro capítulo, Geneviève Verdo nos mostra também que, enquanto no limiar da Revolução de Independência em 1810, era predominante uma concepção universalista da história, marcadamente a partir da entrada da *Geração de 37* no jogo político, outra definição, marcada por uma forma de ser particular, passa a aparecer nos discursos²⁷⁸. Homens como Sarmiento e Alberdi seriam frutos desse segundo momento do uso do conceito “civilização”, diferente de um primeiro em que ele foi utilizado como uma etapa no desenvolvimento geral das sociedades. A partir da influência da *Geração de 1837*, o que estaria cada vez mais em jogo era a definição de uma identidade nacional através da busca de uma distinção entre Argentina e Europa, encontrando

²⁷⁸ Cf. VERDO, Geneviève., *Iberconceptos – Argentina – Civilización.*, op. cit.

um lugar para o país dentro do curso da história e dentro do concerto das “nações civilizadas”.

A utopia civilizatória – tributária dessas ressignificações e que já parte da fundação de uma cidade utópica – busca claramente civilizar e alocar a Argentina entre as “nações civilizadas”. Por isso Sarmiento escreve sobre a importância dos portos, no seu entender os verdadeiros portões de entrada e garantidores da civilização. De certa forma repetindo parte da idéia por trás da diferenciação entre Córdoba e Buenos Aires em *Facundo*, Sarmiento acreditava que uma capital dos Estados do Prata, cercada por água, “y rodeada necesariamente de todos los medios de poder que da la civilización” geraria “hombres desenvueltos y familiarizados con todos los usos y medios de acción que hacen a los norteamericanos tan superiores a los pueblos de la América del Sur”²⁷⁹.

Para acelerar o processo de civilização, Sarmiento ressalta a importância de um exame verdadeiro das relações com as potências européias, e o afastamento de certo “espírito de prevenção” à Europa – também denunciado por Alberdi em *Bases*. A ocupação francesa da ilha de Martín García, fato fundamental para o seu projeto, é lembrada a partir da própria Constituição francesa como provisória. Em suma, os interesses da Europa nas questões americanas – afirma Sarmiento – tem raízes inteiramente comerciais, e o receio ao que era europeu deveria ser substituído por uma política de atração.

A imigração deveria ser estimulada como nos Estados Unidos; e para a Argentina, atrair os europeus seria mais imperioso que para os norte-americanos, já que para lá foram os descendentes “de la industriosa, navegante, manufacturera Inglaterra, [que] tienen en sus tradiciones nacionales, en su educación y en sus propensiones de raza elementos de desenvolvimiento, riqueza y civilización”²⁸⁰. Pelo contato com as artes, indústria, atividades e aptidão ao trabalho, com populações de países “mais adiantados”, se dariam, não apenas o polimento – remetendo às origens do conceito de civilização conforme trabalhado por Jean Starobinski – como também a reforma nos costumes, que junto à instrução, concorreriam para civilizar a população.

²⁷⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino., *Argirópolis*, p. 73.

²⁸⁰ *Ibid.*, p. 81.

Sarmiento pontua: “El mal no está en los hombres, sino en la falta de instituciones, en la falsedad de posición de cada uno de los personajes de este extraño drama”²⁸¹. O caminho natural da civilização exigiria que a Confederação Argentina se institucionalizasse. Necessariamente deveriam sair de cena os “desejos desordenados”, em favor de uma constituição que fosse capaz de impor a harmonia necessária à promoção da civilização.

Não por acaso Sarmiento dá o nome “Do poder nacional” ao último capítulo de *Argirópolis*. Nele, a sua preocupação será expor o que seria necessário para unir as províncias, constantemente em conflito, e civilizar a população. O governo nacional precisava acelerar a obra do tempo, e através da política de imigração, melhorar a população. Aqui, o exemplo de Nova York é novamente utilizado, pois para responder a questão que ele mesmo faz, sobre “qué organización es posible dar a un país despoblado, a un millón de hombres derramados sobre una extensión sin limites?”; ele evoca o exemplo da cidade norte-americana, afirmando que lá “han llegado 14.000 emigrantes en un solo día”, além de ressaltar que nos Estados Unidos a situação dos imigrantes é a cada dia mais complicada, afinal as terras cedidas a eles estariam já muito distantes da costa e o governo pouco os ajudava.

O “gobierno nacional” precisava ocupar o deserto e promover a civilização no interior e nesse sentido, deveria ter como objeto de primeira atenção “atraer rapidamente la emigración europea [...] solicitarla, promoverla, alentarla, hasta que desde los puertos de Europa hasta las márgenes del Plata pueda verse una línea no interrumpida de embarcaciones. Esto no es imposible ni lejano”²⁸².

A utopia de *Argirópolis* mira para o futuro, mas conforme viemos percebendo, passa a todo o momento pelos Estados Unidos. Sarmiento louva os “sueños [...] que se realizan hoy a nuestra vista en los Estados Unidos, en California, por los mismos medios que proponemos para nuestro país”²⁸³. O capital que faltaria para estruturar os portos e as estradas de ferro seria absorvido assim que a autoridade provisória da Confederação retornasse ao seu “centro legítimo”. A tranquilidade e a confiança seriam suficientes para atrair os

²⁸¹ Ibid., p. 86.

²⁸² Ibid., p. 98.

²⁸³ Ibid., p. 100.

investimentos necessários da Europa. Pela última vez na obra, a institucionalização é pregada como remédio para a fragilidade econômica da Confederação, e o governo Rosas criticado sob esse tipo de argumentação:

No hagamos depender los acontecimientos públicos, la guerra o la paz, la libertad o la clausura de los ríos, el comercio por esta o la otra vía, de la voluntad de un hombre; porque es muy miserable la condición humana para no extraviarse en la apreciación de los hechos. Que la razón pública presida a todos los actos del gobierno, como el interés general, tal como lo entienden los gobiernos y no como lo cree un gobernante, debe ser el objeto y fin de sus actos.

O discurso presente em *Argirópolis* expressa um alargamento do horizonte de expectativas, na forma de um projeto que busca acelerar a civilização. As alterações nos campos semânticos de conceitos como “progresso”, “utopia”, “constituição” e “revolução”, todos – como “civilização” – impactados pela influência temporalizadora da filosofia da história, somados às torsões que o próprio Sarmiento realiza ao longo daqueles poucos anos, permitem uma subjetivação da realidade histórica ausente, por exemplo, em *Facundo*.

Naquele último capítulo – *Del Poder Nacional* – o termo “confederação” já aparece preterido pelo conceito de “nação”, afinal para Sarmiento, o seu projeto teria o poder de – baseado numa constituição – transformar as contradições, ordenar os “deseos desordenados”, promovendo enfim a civilização necessária para a transformação da Confederação Argentina – àquela altura ainda tutelada por um governo ilegítimo – em uma “nação civilizada”, com um governo nacional regido por uma constituição federal e republicana.